

Ψ

DESPERTANDO Orixalidades:
ética poética e política na criação artística
de crianças do Ilê Axé Mãe Nice D'Xangô

Karina Brisolla & Karina D'Oxum
Orientadora: Prof^a Dr^a Nádia da Cruz Senna



UFPEL

PPGARTES
CENTRO DE ARTES | UFPEL

CAPES



ILÊ AXÉ
MÃE NICE D'XANGÔ

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAVI-UfPel)
Mestrado em Artes Visuais



Dissertação
KARINA CONSTANTINO BRISOLLA

DESPERTANDO ORIXALIDADES:
ÉTICA, POÉTICA E POLÍTICA NA CRIAÇÃO ARTÍSTICA DE CRIANÇAS DO ILÊ AXÉ MÃE NICE
D'XANGÔ, JAGUARÃO/RS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). Código de Financiamento 001.
This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.



PELOTAS/RS
2022

KARINA CONSTANTINO BRISOLLA

DESPERTANDO ORIXALIDADES:

ÉTICA, POÉTICA E POLÍTICA NA CRIAÇÃO ARTÍSTICA DE CRIANÇAS DO ILÊ AXÉ MÃE NICE
D'XANGÔ, JAGUARÃO/RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes Visuais, na linha de pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estática.

Orientadora: Prof^a Dr^a Nádia da Cruz Senna

PELOTAS/RS

2022

Ficha catalográfica

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B859d Brisolla, Karina Constantino

Despertando orixalidades : ética, poética e política na criação artística de crianças do Ilê Axé mãe Nice D'Xangô, Jaguarão/RS / Karina Constantino Brisolla ; Nádia da Cruz Senna, orientadora. — Pelotas, 2023.

158 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Educação das Relações Étnico-Raciais. 2. Arte/educação. 3. Pedagogias de terreiro. 4. Candomblé. I. Senna, Nádia da Cruz, orient. II. Título.

CDD : 707

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

KARINA CONSTANTINO BRISOLLA

DESPERTANDO ORIXALIDADES:

ÉTICA, POÉTICA E POLÍTICA NA CRIAÇÃO ARTÍSTICA DE CRIANÇAS DO ILÊ AXÉ MÃE NICE
D'XANGÔ, JAGUARÃO/RS

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 30 de março de 2023

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a Nádia da Cruz Senna (Orientadora)

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP

Prof^a Dr^a Fabiana de Lima Peixoto

Doutora em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia – UFBA

Prof^o Dr^o Felipe Merker Castellani

Doutor em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aluno	20201351 - KARINA CONSTANTINO BRISOLLA				
CPF	23041016826	Nacionalidade	BRASILEIRA		
Naturalidade	SÃO JOSÉ DOS CAMPOS				
Ingresso	SELEÇÃO PÓS-GRADUAÇÃO - 2020/2				
Programa	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS				
Curso	9911 - ARTES VISUAIS	Nível	MESTRADO ACADÊMICO		
Modalidade	PRESENCIAL				
Dados pessoais dos membros da banca examinadora					
Nome completo	Documento	Nasc	Titulação		
			Área	Local	Ano
NADIA DA CRUZ SENNA	59692766004	1960	CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	USP	2008
FELIPE MERKER CASTELLANI	32480408825	1984	MÚSICA	UNICAMP	2016
FABIANA DE LIMA PEIXOTO	021.826.697-95	1972	ESTUDOS ÉTNICOS E AFRICANOS	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	2021
Membros da banca examinadora			Título	Assinatura	
59692766004 - NADIA DA CRUZ SENNA			DOUTORADO		
32480408825 - FELIPE MERKER CASTELLANI			DOUTORADO		
021.826.697-95 - FABIANA DE LIMA PEIXOTO			DOUTORADO		

Ao(s) 30 dia(s) do mês de março de 2023, a banca composta pelos membros acima nomeados estiveram reunidos para a defesa da DISSERTAÇÃO da estudante KARINA CONSTANTINO BRISOLLA matriculada no PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS, consideraram APROVADA, destacando a poética textual e a inovação metodológica que contribuem para a qualidade da pesquisa, estabelecendo o título definitivo da DISSERTAÇÃO como sendo "DESPERTANDO ORIXALIDADES: ÉTICA, POÉTICA E POLÍTICA NA CRIAÇÃO ARTÍSTICA DE CRIANÇAS DO ILÉ AXÉ MÃE NICE D'XANGÔ", estabelecendo um prazo máximo de 30 dia(s) para as correções e entrega da versão definitiva.

Eu, Nádia da Cruz Senna, atesto que o(s) membro(s) da banca listado(s) acima sem assinatura participou/aram da sessão de forma remota e/ou por parecer.

Presidente da Banca



*Dedico este trabalho à minha Iyayá, Mãe Nice D'Xangô,
por toda a luta, cuidado e entrega.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, minha primeira casa. Portal que me permitiu renascer nessa vida. Minha primeira referência de como lutar sem perder a doçura e o amor. Seu embalo me criou, sua força me sustenta e inspira até hoje. Agradeço a honra de ter vindo ao mundo através de seu ventre, em todas as outras vidas, te escolheria.

Agradeço a meu pai, meu ancestral que olha por mim. Em minha teimosia, braveza, determinação e coragem, vejo seus trejeitos. Agradeço ter sido sua filha, guerreiro que me ensinou a lutar e, como bom soldado que foi, goza de seu descanso mais do que merecido. Nas batalhas diárias, honro sua trajetória e faço minha caminhada amparada em sua força tão presente aqui dentro. Me encho de alegria quando penso na boa sorte que foi ter compartilhado essa vida com você.

Mo dúpé, minha mãe Oxum, que reina em meu orí e me guiou até aqui. Mo dúpé, a todos os Orixás e todas as energias que me mantêm e que sustentam esse àiyé. Sei que nunca estou só, os sinto em cada segundo, em cada respiro. Mo dúpé, Xangô, por me acolher e me permitir fazer de seu Reino, minha casa. Território onde assentei minhas raízes e renasci. Káwò Kábíyèsilé, salve a sua coroa!

Mo dúpé, minha família espiritual, minha comunidade. Em especial à minha madrinha e amiga, Aline D'Oxum, por todo o apoio, pela cumplicidade, pelas longas conversas e as muitas risadas que ajudam a curar os momentos de dor. À Iyabassé Jéssica D'Yemanjá, pela paciência e por tantos saberes compartilhados, e não menos importante, à Mãe Nice D'Xangô, a quem dedico este trabalho. Mo dúpé, Iyá mi, por ser continuidade, guiança, raiz e força assente nessa terra. Essa pesquisa só foi possível de ser concretizada graças ao voto de confiança depositado em minhas ideias, a disposição e ao amparo nas turbulências.

E por falar em amparo, quero deixar registrado meu agradecimento geral a cada pessoa que me leu, me ouviu, me enviou referências dizendo “Olha! Lembrei da sua pesquisa.”. Quem me tirou de casa quando vivia tão imersa que me sentia afogada, quem me acolheu e foi colo. Não vou citar nomes para não correr o risco de esquecer de alguém, mas vocês sabem bem quem são.

Agradeço ao professor-artista, amigo e maior incentivador, Walker Pincerati. Obrigada pelas leituras atentas, pela disposição, dedicação e sensibilidade. Nosso grupo de estudos, Ebó nas Encruzadas, é espaço que fortalece meu caminhar dentro desse mundo acadêmico, por vezes, tão opressor. Estar em sua presença revigora e inspira. Você, filho das cataratas, certamente é uma dádiva enviada por minha Mãe Oxum.

Agradeço à professora Nádia da Cruz Senna, por aceitar orientar a pesquisa, e aos docentes Fabiana de Lima Peixoto e Felipe Merker Castellani por comporem a banca, dedicarem o tempo de vocês com escuta e olhar sensíveis para o trabalho que aqui desenvolvo. Trocas essenciais para o amadurecimento desse estudo. Agradeço, também, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro através de bolsa concedida.

Por fim, deixo meu agradecimento a todos os trabalhadores e trabalhadoras, especialmente aos povos originários e diaspóricos, que ergueram e ainda sustentam o que hoje chamamos de Brasil. Através do suor, da luta e dos impostos pagos por vocês, acessei o ensino público e obtive financiamento para a realização dessa pesquisa. Agradeço imensamente a oportunidade, os honro e luto para que esse lugar seja cada vez mais acessível para os nossos.

Mo dupé!

De fato, o momento atual é para nós muito grave, pois a cada um dentre nós, uma questão se coloca, e se coloca pessoalmente: ou bem se livrar do passado como de um fardo que nos atrapalha e nos desagrada, que é apenas um entrave à nossa evolução; ou bem assumi-lo virilmente, fazendo dele um ponto de apoio, e continuar nossa marcha para frente.

É necessário optar.

É necessário escolher.

Aimé Césaire,
Discurso sobre a negritude (2010).

RESUMO

A Ìyàwó neste Ilê ata pontos de reflexões a respeito da colonização cognitiva e social em uma pesquisa-ação. Desenvolvo a pesquisa com as crianças do Ilê Axé Nice D'Xangô, Terreiro assentado aos pés da pedra de Jaguarão/RS. Atravessada pelas vivências neste território através do Grupo Cultural Abi Axé e do meu enraizamento nesse espaço ao me tornar Ìyàwó - filha de santo -, nasce o desejo de fomentar o cruzamento entre arte e Candomblé por meio de oficinas de arte. Essas oficinas foram pensadas a partir do alargamento do entendimento do Terreiro enquanto um espaço artístico/educativo de referência, ou seja, pensando esse território para além do culto. Nesse processo, enxergo o desenho se manifestando como o ponto que evoca o cruzamento das dimensões do sagrado e do poético a partir da cosmo-percepção afro-brasileira. Essa é a compreensão *orétadora* da presente pesquisa. Em suma, há dois elementos disparadores deste estudo: a) As vivências estéticas as quais fui exposta a partir do momento em que me mudei para sul do Sul e passei a vivenciar a cultura de Terreiro. b) Os desenhos, a poética, a representação do imaginário da criança de Terreiro como reivindicação da ancestralidade. Guiada metodologicamente pelas Pedagogia da Circularidade (FERREIRA, 2021), as Em-sinagens de Terreiro (MACHADO, 2017), a Pedagogia (ROSA, 2019) e a Pedagogia das Encruzilhadas (RUFINO, 2019), organizo a discussão a partir de um Xirê Conceitual (PIEDADE, 2017), me opondo a hierarquização dos conhecimentos. A pesquisa propõe o cruzamento dos campos *ético, estético e político*. A reflexão foi construída no exercício de circular sobre as memórias, num retorno às vivências impressas na memória, ou seja, na reverberação e efeito do campo incidindo sobre o meu próprio corpo. Me interessa estimular o surgimento de uma subjetividade que autoriza o movimento de insurgência (cada vez mais urgente), assim busco retomar e impulsionar a potência criadora, com abertura para outros devires: contra hegemônicos, inacabados, plurais, imprevisíveis, circulares, espiralados.

PALAVRAS-CHAVE: Educação das Relações Étnico-Raciais; Arte/Educação; Pedagogias de Terreiro; Candomblé.

ABSTRACT

The *Ìyàwó* in this *Ilê* ties the point of reflection about cognitive and social colonization into an action research. I develop the research with the children of *Ilê Axé Nice D'Xangô*, *Terreiro* settled at the foot of the quarry in *Jaguarão/RS*. Crossed by the experiences in this territory through the Cultural Group *Abi Axé* and my rooting in this space by becoming *Ìyàwó* – daughter of a saint –, the desire to foster the intersection between art and *Candomblé* through art workshops was born. These workshops were conceived from the perspective of broadening the understanding of *Terreiro* as an artistic/educational space of reference, that is, thinking about this territory beyond worship. In this process, I see drawing manifesting itself as the point that evokes the intersection of the sacred and the poetic dimensions from the Afro-Brazilian cosmo-perception. This is the guiding understanding of this research. In short, there are two elements that trigger this study: a) The aesthetic experiences to which I was exposed from the moment I moved to the south of the South and started to experience the culture of *Terreiro*. b) The drawings, the poetics, the representation of the imaginary of the child of *Terreiro* as a vindication of ancestry. Methodologically guided by the Pedagogy of Circularity (FERREIRA, 2021), the Em-sinagens of *Terreiro* (MACHADO, 2017), *Pedagoginga* (ROSA, 2019), Pedagogy of the Crossroads (RUFINO, 2019). I propose the discussion based on a Conceptual *Xirê* (PIEADADE, 2017), opposing the hierarchy of knowledge. The research proposes the intersection of ethical, aesthetic and political fields. The reflection was built on the exercise of circulating about the memories, in a return to the experiences imprinted in the memory, that is, in the reverberation and effect of the field focusing on my own body. I am interested in stimulating the emergence of a subjectivity that authorizes the insurgency movement (increasingly urgent), so I seek to resume and boost the creative power, opening up to other becomings: against hegemonic, unfinished, plural, unpredictable, circular, spiral.

KEYWORDS: Education of Ethnic-Racial Relations; Art/Education; *Terreiro* Pedagogies; *Candomblé*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Registro da primeira apresentação que assisti do Abí Axé.....	27
Figura 2 – Fala de Mãe Nice D’Xangô após a apresentação do grupo.....	28
Figura 3 – Babalorixá Edi Machado D’Ogum no seu Ilê Reino De Oxossi.....	61
Figura 4 – Babalorixá Nilo D’Xangô na Festa de Iemanjá, Praia do Cassino 02/02/2017.....	62
Figura 5 – Marcha Zumbi e Dandara, 8ª Semana da Consciência Negra, 20/11/2018, Jaguarão/RS.....	63
Figura 6 – Rafaela mostrando seu processo de desenho enquanto eu escolhia milho na cozinha do Ilê.....	91
Figura 7 – Rafaela confeccionando a capa de seu caderno de artista.....	99
Figura 8 – Fim do primeiro dia de oficina.....	100
Figura 9 – Cadernos de artista confeccionados na oficina.....	101
Figura 10 – Oxumaré, 15x20, de Isabella.....	102
Figura 11 – Oxóssi/Mãe-natureza, 15x20, de Rafaela.....	103
Figura 12 – Cobra de Oxumaré, 15x20, de Rafaela.....	104
Figura 13 – Sereias, 15x20, Rafaela.....	106
Figura 14 – Princesa boa, 15x20, Rafaela.....	107
Figura 15 – Oxum e Yansã, 15x20, Rafaela.....	112
Figura 16 – Xangô e Oxum, 2021, 30x20, Isabella.....	113
Figura 17 – Mãe Nice mostrando a oferenda que ia servir antes de iniciar a contação do itàn.....	115
Figura 18 – Iemanjá e Obaluayê, 20x30, Isabella.....	116
Figura 19 – Cartaz de divulgação da atividade.....	118
Figura 20 – Registro da oficina de contação de itàn.....	122
Figura 21 – Registro da oficina de contação de itàn.....	123

Figura 22 – Registro da oficina de contação de itàn.....	124
Figura 23 – Registro da oficina de contação de itàn.....	125
Figura 24 – Mãe Nice oferecendo balas aos presentes.....	126
Figura 25 – Registro da oficina de pintura.....	127
Figura 26 – Registro da oficina de pintura.....	128
Figura 27 – Registro da oficina de pintura, Xangô e Ogum.....	129
Figura 28 – Registro da oficina de pintura, imagem de Oxum.....	130
Figura 29 – Registro da oficina de pintura, Yasmin pinta Oxum.....	131
Figura 30 – Xangô, por Lucas.....	132
Figura 31 – Oxum, por Yasmin.....	134
Figura 32 – Oxum, por Isabella, tambor/Ngoma, por Otávio.....	135
Figura 33 – Oxum, por Maia e Mauren.....	136
Figura 34 – Árvore de Katendê/Ossain, por Maia e Mauren.....	136
Figura 35 – Arco-íris de Oxumaré e peixinhos de Logun Edé, por Sebastian e Aline D’Oxum.....	137
Figura 36 – Iansã, por Rafaela. Machadas de Xangô, por Luttaro.....	138
Figura 37 – Menina e a árvore, por Rafaela.....	139
Figura 38 – Oficina de percussão.....	140
Figura 39 – Oficina de percussão.....	141
Figura 40 – Oficina de percussão.....	142

SUMÁRIO

__introdução_____agô! ____	16
__a pororoca_____	21
__Mapa Pequeno Território_____	35
_____Terreiro, cruzo que pare vidas_____	56
_____“vivendo e aprendendo”: a educação no cotidiano do Terreiro_____	83
_____despertando orixalidades: arte e memória ancestral____	97
_____sábado da ibejada_____	117
_____considerações fnais _____	143
_____referências_____	152
_____Apêndice_____	156

__introdução_____agô! ____

A pesquisa que aqui se enuncia, articula uma reflexão sobre a colonização cognitiva e social em uma pesquisa-ação desenvolvida com as crianças do Ilê Axé Mãe Nice D'Xangô. Me faço bordadeira de memórias ao riscar pontos-cruz no tecer desta reflexão. Nesse movimento de lançar memórias em cruzo, dobro em esquinas da história e me atendo a detalhes do percurso.

O gosto por escrever sobre esses detalhes - que prefiro chamar de miudezas do vivido - já era prática antiga, mas, a sua incorporação como método aconteceu quando presenciei o encontro do filósofo Walter Benjamin com o Caboclo Pedra Preta nos escritos do professor Luiz Antônio Simas:

O filósofo Walter Benjamin falava em escovar a história a contrapelo. A importância de atentar para os fazeres cotidianos como caminho para escutar e compreender as outras vozes, além da perspectiva do fragmento como miniatura capaz de desvelar o mundo, é a chave da desamarração do ponto. Benjamin pensava também sobre a importância de o historiador ter pelo objeto de reflexão o interesse do olhar da criança pelo residual: é a miudeza que vela e desvela a aldeia, as suas ruas e as nossas gentes. O caboclo Pedra Preta, guia de Pai Joãozinho da Goméia, dizia algo muito parecido em seus pontos. (2019, p. 10.)

Abaixo transcrevo o trecho do tal ponto citado por Simas:

*“Pedrinha miudinha
Pedrinha de Aruanda ê
Lajedo tão grande
Tão grande de Aruanda ê
Uma é maior, outra é menor
A mais pequena que nos alumeia”*

O corpo encantado das ruas, de Simas (2019), cruzado com o ponto do Caboclo, me instigou a dar vazão nesse interesse pelo miúdo. E quando falo da miudeza, penso então nas crianças e, também, na forma como olham para as tais miudezas do vivido. A partir daí, me ponho a versar “nano-histórias” como uma escritora de irrelevâncias (p. 66). Desvio do esquecimento ao propor uma escrita que vai na contramão, no sentido anti-horário. Não à toa, no Terreiro temos o sentido anti-horário associado a um “voltar no tempo”. Esse movimento demarca o tempo ancestral, uma forma de conexão com o passado. Isso é preceito nosso. Assim, o presente escrito performa esse movimento que aqui opto por chamar de *performance da Sankofa*.¹

¹ No “Histórico do periódico” da Revista Sankofa (S/d.), lemos o seguinte: “O conceito de Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em Akan “se wo were fi na wosan kofa a yenki” que pode ser traduzido por “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”.” disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/about>, acessado em 18/02/2022.

Gosto da ideia versada por Luiz Rufino sobre escavar memórias num fazer arqueológico em si. Para ele, quem elege o cotidiano como tempo e espaço para tecitura de uma pesquisa deve se atentar aos encontros, uma vez que, é na relação com o outro onde ecoa o tom de acabamento de nós mesmos (2013, p.9).

Por isso, inicio essa história regressando ao ano de 2015, quando me mudei para o sul do Sul para cursar Produção e Política Cultural na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Aqui é a pororoca. Conto como se deu minha inserção nas artes e na cultura de Terreiro. Na sequência apresento o mapa do pequeno território, um capítulo visual, uma possibilidade poética que traça o caminho inicial da pesquisa, olhando para mim mesma, buscando memórias e raízes.

Na sequência, em Terreiro, cruzo que pare vidas, me debruço sobre questões acerca da branquitude, da violência, da exploração, da mortantade e do desvio existencial por ela produzida no colonialismo e na colonialidade. Apresento, também, a contraposição, a dissidência dessa engenharia perversa: o Terreiro. Demonstro como as culturas de fresta, desde sua origem, se apresentam enquanto possibilidade de vida, de revitalização, de agenciamento das próprias subjetividades, de manutenção e reinvenção de culturas que resistem contra o projeto de aniquilamento do Outro.

A discussão avança, em direção ao alargamento do entendimento do Terreiro enquanto um espaço formativo, assim, em “vivendo e aprendendo”: a educação no cotidiano do Terreiro, apresento autores e falas de pessoas que experienciaram/experenciam as formas de ensinagens/metodologias da educação próprias desse território.

Em seguida, despertando orixalidades: arte e memória ancestral e sábado da Ibejada, reúnem as narrativas das oficinas realizadas no Ilê Axé Mãe Nice D'Xangô, juntamente com fotos dos momentos e das produções artísticas de cada criança, bem como impressões e análises das atividades desenvolvidas.

Por fim, nas considerações ~~finais~~, tomo a liberdade de propor uma conversa mais próxima e dispenso repetições do que já foi dito. Num tom catártico, amarro as últimas linhas dos pensamentos tecidos nessa dissertação ciente de que, mais do que pontos finais, essa pesquisa deixa uma abertura para uma discussão que ainda precisa continuar sendo feita. A ciência, a educação e a arte não são campos de neutralidade. Não há como jogar em dois lados.

____ a pororoça _____

*A rede do meu destino
Parece a de um pescador
Quando retorna vazia
Vem carregada de dor
Vivo num redemoinho
Deus bem sabe o que ele faz
A onda que me carrega
Ela mesma é quem me traz
Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar*

Timoneiro - Paulinho da Viola.

Apesar de me aproximar do Terreiro só a partir de 2016, me parece indispensável demarcar que sai do Vale do Rio Paraíba, lá no interior de São Paulo, e cheguei às margens do Rio Jaguarão, no extremo sul do Rio Grande do Sul, na fronteira com o Uruguai, 2 de fevereiro de 2015. Exatamente no dia dedicado a Iemanjá. Ela, que no Brasil é tida como a Rainha dos Mares, em África é associada às águas doces. E justamente no dia em que, no Brasil, se festeja a Mãe de todas as cabeças, águas vale paraibanas e jaguarenses se encontraram e se fizeram pororoca.

Entrei na universidade sem nunca ter ouvido falar em Currículo Lattes e achando que, depois da escola técnica, a graduação era a última fase desse jogo. Foi uma surpresa descobrir a existência da pós-graduação, e por muito tempo, pensei ser algo impossível de alcançar. Eu não entendia como tudo aquilo funcionava e ninguém parecia fazer questão de explicar. Gente falando difícil, sobre textos difíceis de se ler, em um país onde ler nem é coisa pra todo mundo; haja visto as batalhas travadas por poetas como Sergio Vaz e tantos outros nas quebradas desse Brasil. Até encontrar meus pares, me sentia fora da realidade, como se

não pertencesse àquele lugar. A verdade é que diferente da maioria de meus colegas na época, eu me envolvi muito mais com a cidade do que com a universidade em si.

Em 2016, os clássicos e trágicos cortes efetuados na educação pública por parte do governo federal afetaram a política de assistência estudantil da Unipampa, que, diga-se de passagem, já era bastante ineficiente. Aliado a isso, ocorria frequentemente a prática de obstrução da participação do Movimento Estudantil em reuniões deliberativas no Conselho Universitário. Nesse contexto todo, a gestão optou pela exoneração de funcionários terceirizados, objetivando diminuir gastos. A injusta atitude foi a gota d'água para o Movimento Estudantil deflagrar a Ocupação da Unipampa.

Ressalto que naquele momento tínhamos na presidência o governo interino e ilegítimo de Michel Temer, após o golpe efetuado contra a primeira – e até então única – presidenta do nosso país. Nessa conjuntura, houve uma onda de ocupações em todo o território nacional iniciada pelos estudantes secundaristas e, posteriormente, com a adesão dos universitários. A primeira universidade no país a ser ocupada foi justamente a Unipampa - Campus Jaguarão, e assim permaneceu por um período de 55 dias. Foram quase dois meses de muita intensidade, privação de sono, ameaças e constantes negociações. Teve também muitos aprendizados, trocas e artes; sobretudo, muita arte. Arte para expressar e expurgar o bem e o mal vivido. Em uma dada noite, a Ocupação recebeu o Grupo Cultural Abí Axé para uma apresentação da performance “A dança dos Orixás”.

O grupo foi criado no dia 20 de novembro de 2015, dentro do Ilê Axé Mãe Nice D'Xangô, com o objetivo de combater o racismo religioso através de oficinas e apresentações artísticas. Na realidade, o Abí Axé foi o meu conector com a cultura de matriz afro-religiosa. Tendo sido criada por um pai evangélico e avó católica, em mim o medo e a demonização em relação a essa cultura eram profundamente incutidos; o que

significa dizer que o racismo², sobretudo o religioso, foi parte constituinte da minha formação subjetiva desde o berço. O que começou a ser profundamente transformado após conhecer o trabalho do Abí Axé e, especialmente, de Mãe Nice, uma das fundadoras do grupo e militante ativa do movimento negro-religioso da cidade de Jaguarão.

A apresentação compôs a Mostra Cultural Identidade Negra, realizada pelo discente do curso de Turismo, Leandro Tavares, como a avaliação de um componente curricular, que, inclusive, cursávamos juntos naquele semestre. Foi por conta dessa avaliação que fui ao Terreiro de Mãe Nice pela primeira vez. Mas não através de Leandro, que também é conhecido como Àlágbé Leandro D’Xangô, filho de sangue de Mãe Nice e cofundador do Abí Axé. Até porque, na época eu não sabia absolutamente nada sobre aquele colega de aula.

Cheguei ao Terreiro através de uma amiga e parceira de produção que era conhecida da Mãe Nice. Expliquei que estava criando um projeto que tinha como objetivo estimular a formação de parcerias entre a comunidade, organizações locais e a aproximação com o poder público. A ideia consistia em promover uma ocupação artística no cais do porto do rio Jaguarão e que gostaria muito que o Abí Axé se apresentasse lá.

² Ciente de que falar em racismo e não em intolerância religiosa abre à enésimas questões, deixo aqui explicitado que adoto o termo *racismo religioso* por pautar, necessariamente, o racismo como principal motivação para a violência, opressão, descredibilização e demonização para com as religiões de matriz africana. Essa é uma discussão complexa e de muitas facetas que podem vir a ser pontos de reflexões em trabalhos futuros.

Descobri que alguns integrantes estariam trabalhando, o que inviabilizava a participação do grupo no evento. Em contrapartida, recebi a generosa oferta da Mãe Nice:

- Como o evento é num sábado, dia de Oxum, e ainda é na beira do rio, posso levar a exposição dos paramentos da mamãe Oxum. Ela é a divindade dos rios, do ouro e da doçura. Uma forma de marcar presença, né? Vai ser uma homenagem bonita pra ela!

Esta mulher, ainda com sua generosidade, me perguntou como estava sendo a experiência em produzir o evento. Respondi que estava difícil, que não havia nenhum retorno do poder público, mas, que eu estava simplesmente fazendo e assumindo os riscos.

Ela, tendo plena consciência das dificuldades em se produzir um evento cultural independente no município e com uma travessura no olhar, que nem parecia ser dela, me disse:

- É assim mesmo, continua e não desiste! Se eles fecham a porta, a gente pula a janela.

Lançou o papo de futuro com uma risadinha malandra, que virou uma gargalhada coletiva.

Escolhi realizar o evento no dia 14 de maio; segundo a previsão do tempo, o único sábado de sol daquele mês. Como o evento precisava de um nome e meu objetivo era ocupar o cais do porto com arte; na pressa, acabou ficando Ocupação Artística. Ninguém imaginava que na quinta-feira, 12 de maio, seria deflagrada a Ocupação do campus Jaguarão.

Mesmo com as aulas paralisadas em detrimento da Ocupação, foi acordado que os projetos seriam incorporados à programação cultural do movimento estudantil para serem executados e avaliados, já que

estavam sendo planejados desde o início do semestre. Portanto, dois dias depois da deflagração da Ocupação da Unipampa, às margens do rio Jaguarão, a Ocupação Artística aconteceu.

Já o projeto de Leandro, a Mostra Cultural Identidade Negra, aconteceu no dia 31 de maio de 2016 dentro da Universidade ocupada, como citei. E foi nesse contexto que pude assistir ao Abí Axé pela primeira vez. Ao final da performance, Mãe Nice, sempre generosa, nos disse palavras importantes que ficaram rodopiando na minha cabeça na hora de dormir. Rodopiavam, também, as lembranças daquela dança embalada pelos atabaques, agês e agogô; o balançar das saias, as cores, a vibração de todo aquele movimento.

Faziam 19 dias que convivia com a sensação de dormir e acordar em uma trincheira de guerra. Já havia me frustrado e sentido vontade de desistir incontáveis vezes. Mas não naquela noite. Ali, estranhamente, havia esperança e fé em dias melhores. Enquanto refletia sobre essa estranha sensação que me tomava, aquele conselho me retornou à mente numa epifania:

“É assim mesmo, continua e não desiste! Se eles fecham a porta, a gente pula a janela.”

Figura 1 – Registro da primeira apresentação que assisti do Abí Axé.



Fonte: Página no Facebook do Movimento Bloco de Lutas pela Educação Pública
<<https://www.facebook.com/photo/?fbid=536319549901742&set=a.525419674325063>>

Figura 2 – Fala de Mãe Nice D’Xangô após a apresentação do grupo.



Fonte: Página no Facebook do Movimento Bloco de Lutas pela Educação Pública
< <https://www.facebook.com/photo?fbid=536319429901754&set=pcb.536320149901682> >

Foi no impulso de buscar fazer a manutenção dessa tal esperança que me dominou naquela noite, é que passei a frequentar o Terreiro. Primeiro um convite de trabalho, depois um jogo de búzios. Xirês, giras e ensaios do Abí Axé que, vez ou outra, conseguia assistir de penetra. Em 2017, o grupo abriu inscrição para novos integrantes. A partir daí, fui promovida de penetra à nova componente.

Como os ensaios acontecem majoritariamente no Ilê Axé Mãe Nice D'Xangô, é comum se aproveitar dia de sessão para fazer alguma reunião com o grupo, já que, a maioria dos integrantes são também parte daquela família de axé e teriam que ir ao Terreiro de qualquer forma. Após o ensaio, os que são filhos da casa se voltam aos preparativos para a sessão e os outros são liberados.

Mas, em vez de ir pra casa ou fazer hora na rua e voltar mais tarde para participar da sessão, eu acabava me enfiando em alguma tarefa e já ficava no Terreiro direto. Comecei varrendo o salão depois de um ensaio, lavando uma louça, passando alguma saia... Daqui a pouco, estava escolhendo milho, feijão; saindo pra ir atrás de folha de mamona que faltou, alcançando um alguidar. Depois colocando uma canjica pra *cuzinhá*, estourando pipoca.

- Toma! Coloca uma saia e um pano de cabeça já que quer ajudar na cozinha. E não esquece de desamarrar o cadarço do tênis.

Devagarinho, os laços com aquela família de Santo foram sendo atados e tantos conhecimentos me foram sendo passados. Ou como diz a professora e Egbomi³, Vanda Machado (2013), *em-sinados*. Volto a falar de *ensinagens* mais adiante, trazendo também para essa conversa o professor e Taata dya Nkisi⁴ Tássio Ferreira.

Já no final de 2018, estando infeliz com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que desenvolvia, desejava empreender uma pesquisa no campo da arte/educação das relações étnico-raciais, pensando as Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08⁵. Mas, para isso, teria que abandonar o TCC construído até ali e mudar de orientação. Minha vontade era partir de uma demanda existente no Abí Axé. Para desenvolver a pesquisa de maneira ética, era fundamental ter o Terreiro enquanto parceiro protagonista, e não “objeto de estudo”. Por isso, meu primeiro passo foi buscar Mãe Nice para conversar a esse respeito.

De início, a senti com o pé atrás.

– Será que vão aceitar um trabalho assim na faculdade? Você não vai se prejudicar?

³ Do yorubá, irmã mais velha.

⁴ Como se denomina o cargo de Pai de Santo no Candomblé de origem Bantu.

⁵ A lei 11.645/08 “altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. (BRASIL, 2008).

Foram algumas das perguntas que ela me fez. De fato, sob uma perspectiva institucional, não havia um cenário muito favorável... Na caída dos búzios, vem a resposta para aquelas inseguranças:

- Quem responde é Oxum. É minha filha... não vai ser fácil, tem bastante empecilhos... Oxum diz que você vai precisar aprender com ela, com a água que faz seu próprio caminho, contorna obstáculos, cria correntezas... Oxum fala que vai ser preciso muita sabedoria na hora de agir. Tem que ter estratégia... Em alguns momentos vai ser necessário romper forte como cachoeira, em outros, ser sutil como uma nascente... Esteja atenta que ela vai lhe mostrar! Oxum, que é a Orixá ligada às artes e, também, regente do seu Orí (cabeça), vai guiar pra esse trabalho se concretizar!

E foi assim que no começo de 2019 iniciei meu novo TCC, sob nova orientação. No mesmo ano, me iniciei no axé, e me tornei Ìyàwó do Ilê Axé Mãe Nice D'Xangô. Nesse processo de assentamento de minhas raízes naquele território, enxergo nitidamente que a arte, através do Abí Axé, me conduziu até aquela casa de Santo.

Assistir ao Abí Axé me fez querer conhecer o templo religioso onde rufam tambores, batem palmas e fazem roda para Divindades africanas dançarem. O acolhimento que recebi me proporcionou um contato ainda mais íntimo, profundo e transformador. Com o grupo aprendi a tocar instrumentos, a cantar em uma outra língua, a dançar como as divindades dançam. Juntos, viramos noites confeccionando axós e adês (vestimentas e paramentos) dos Orixás que performamos. Com essas pessoas me apresentei em palcos, praças, ruas, clubes e escolas. Eu que sequer me reconhecia como artista, me vi sendo e querendo mais.

No mesmo período, retomei o hábito de desenhar. Arrebatada, em meus rabiscos ainda tímidos surgiram traços das vivências no Terreiro. O cruzamento dessas percepções *orientou* a pesquisa que empreendi no TCC e ali aponte as encruzadas que me surgiram pelo caminho.

Na defesa, a banca me instigou a desenvolver mais sobre esse tal conceito de encruzilhada... E, na hora, eu não entendi porque estavam tratando aquela palavra como conceito em meu trabalho, se, eu me utilizava da noção de encruzilhada apenas para sinalizar o cruzamento de pontos divergentes. Mais à frente, notei o erro ao me deparar com a sábia palavra Leda Maria Martins, em seu texto *Performances do tempo espiralar*:

A cultura negra é o lugar das encruzilhadas. O tecido cultural brasileiro, por exemplo, deriva-se dos cruzamentos de diferentes culturas e sistemas simbólicos, africanos, europeus, indígenas e, mais recentemente, orientais. Desses processos de cruzamento transnacionais, multiétnicos e multilinguísticos, variadas formações vernaculares emergem, algumas vestindo novas faces, outras mimetizando, com sutis diferenças, antigos estilos. Na tentativa de melhor aprender a variedade dinâmica desses processos de trânsito sócio, interações e intersecções, utilizo-me do termo encruzilhada como uma chave teórica que nos permite clivar as formas híbridas que daí emergem. (2002, p.73)

O fato é que, ao tratar a encruzilhada apenas como um lugar de intersecção, eu acabava por ignorar que é justamente nas encruzadas onde pipocam as possibilidades de transgredir a esse modelo monológico de mundo em que vivemos. Ignorava que é dos cruzos, das frestas, que brotam as raízes das

sabedorias populares reinventando a vida. Aqui se ata a virada linguística contra o discurso colonial, a dobra da palavra (RUFINO, 2019, p. 13-14). A partir daqui a encruzilhada rompe como um *lugar-conceito*; é nesse lugar onde os sentidos vão se rearranjando e se reinventando.

Para seguir caminho por estas encruzilhadas, faço a devida reverência ao seu Senhor. Peço agô (licença) e motumbá (benção) a Exu, o Senhor da comunicação, o mensageiro entre mundos, o dono das encruzilhadas.

Àrólé!

Com a licença de Exu, Senhor de todos os caminhos, narro o nascimento desta pesquisa, embalada pelas águas de Oxum e Iemanjá.

Ora Yèyé Ò!

Odojá!

Como já dito, conduzida pelas Iyágbás (mães rainhas), me conectei ao Abí Axé. O grupo, por sua vez, me conectou ao Terreiro e toda essa vivência foi alimentada por trocas essencialmente artísticas. Não fosse isso, talvez eu ainda estivesse pelejando pra entender meu lugar dentro da academia. Não fosse isso, talvez eu ainda estivesse desconectada da arte, da ancestralidade e de tudo que me alimenta e me sustenta hoje. Não fosse a arte afro-brasileira parida nos Terreiros, sem dúvidas eu ainda estaria reproduzindo o racismo religioso aprendido dentro de casa, na escola, na mídia, etc. Contudo, este trabalho não é sobre mim, mas sobre nós.

Faço questão de narrar tantos detalhes pra mostrar que um passo meu só é possível porque há todo um movimento impulsionando essa ação. E que esse movimento é algo muito maior que eu mesma, meu ego,

minha pesquisa, a Academia. Meu esforço agora é deixar explícito que as presentes palavras representam muito mais do que uma dissertação para a obtenção de um título. São frutos de um contínuo trabalho coletivo. Eis mais um preceito: nada se faz só. Assim, trago comigo meu Ilê (casa), minha Iyá (mãe), meus mais velhos e mais novos, nossos ancestrais e nossos Orixás.

Nesse xirê conceitual, a partir de Vilma Piedade (2017), vou ao encontro de uma abordagem metodológica que considera os conceitos como algo inacabado, mutável e circular (p. 16). “Sim, nosso Princípio é circular como as Rodas de Xirê no Candomblé.” (p.23). Pensar a partir dessa percepção repele o movimento naturalizado de subalternização dos conhecimentos ditos “populares”. Assim, as referências estão dispostas todas no Xirê – na roda – conceitual; e na roda, não há quem seja mais ou menos valoroso. Em roda firmamos uma corrente e giramos no sentido anti-horário performando Sanfoka, (re)contando histórias.

A circularidade é movimento *oréntador*. Sobre os cruzos, pratica-se o movimento espiralar. “Girar sobre si é exercitar a descolonização” (p.27, 2021), nos diz Tássio Ferreira em sua Pedagogia da circularidade: ensinagens de Terreiro. Assim como em seus estudos, aqui a encruzilhada é matriz que organiza e circunscreve vivências que trazem pontos de reflexão, a partir de ciclos que “encerram em si temas específicos para que outros possam ser abertos. [...] A encruza é o ponto de [re] centramento destes percursos que giram, se fecham e se abrem novamente.” (p. 27-28). Neste caso, Ferreira faz alusão à Roda nas celebrações de Candomblé enquanto um fundamento organizacional cíclico, com seu início, meio e fim, mas que, contudo, não se encerram, pois estão ligados entre si, sendo um a continuidade do outro a partir dos novos cruzamentos.

____Mapa Pequeno Território_____

PARTE I

nascente



Este objeto pode ser caderno de campo, caderno de artista, mapa poético, diário, tudo isso ao mesmo tempo. Nunca fui boa em respeitar limites. Tô sempre na linha cruzada, encruzilhada, e aqui me sinto bem. A encruza nos convoca a sair da reta, ela desafia a lógica da linearidade. Ela é cruzamento e, portanto, nos oferta experimentar outras direções. Das experimentações, guardo estes registros, (cuidadosamente sentidos-observados-coletados) que se aninham em descrições, notas, objetos, devaneios e o que mais me remeter a este espaço que é só meu.

"Meu pequeno território".

E bom, por onde começar se nem sei a direção? Como mapear um caminho que nem mesmo me lembro de ter percorrido?

MEMÓRIA VOLTAR REGRESSÃO
MAPEAR LEMBRAR CRIAR

Aquele ideograma do pássaro olhando para as próprias costas. É isso!

SANKOFA



SANKOFA

{ sanko = voltar
fa = buscar, trazer

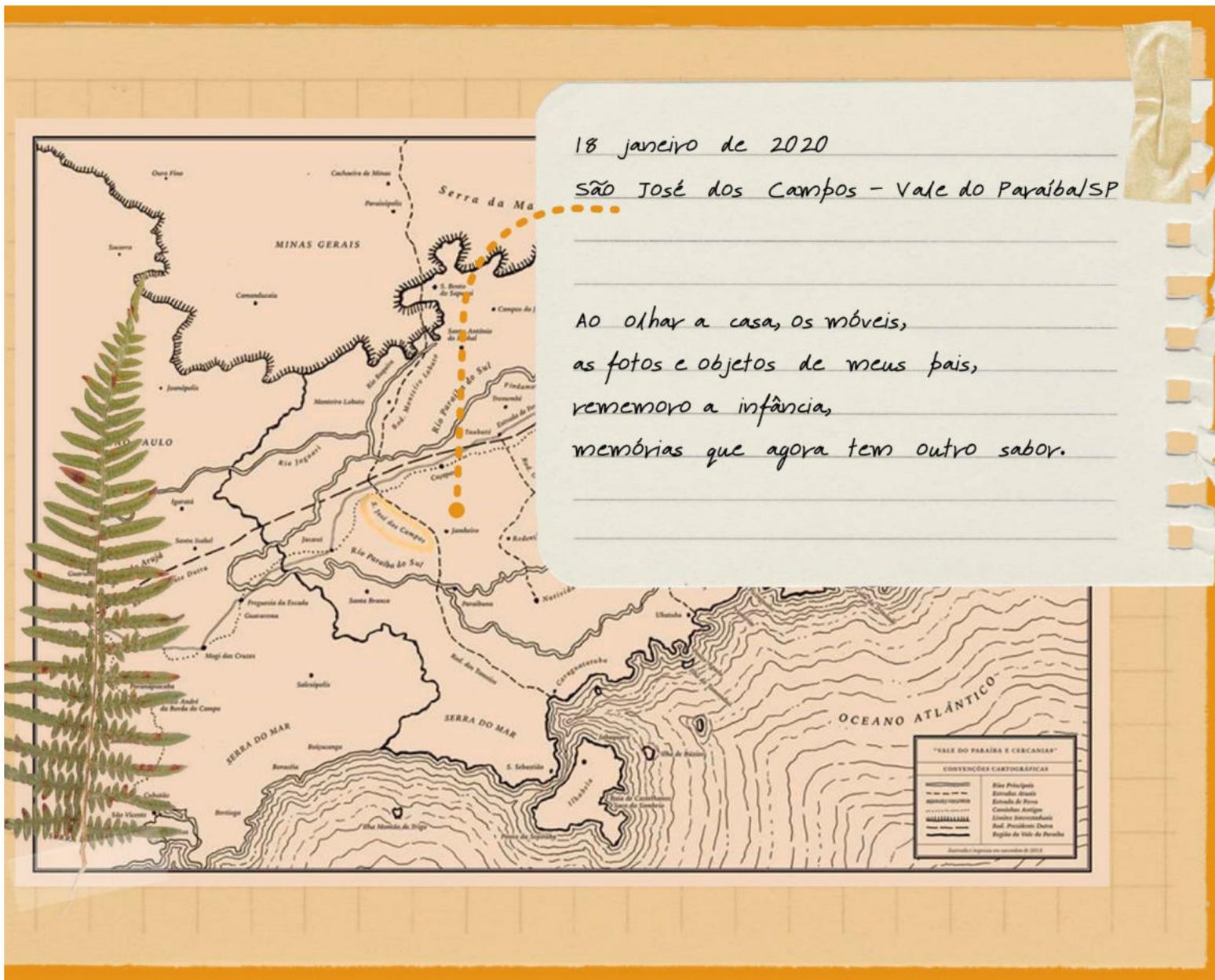
"se wo were fi na wosan kofa a yenki"
"não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu"

Fui atrás e encontrei, este é o provérbio que acompanha o ideograma. Deixo aqui anotado para não mais me esquecer. E por falar em esquecimento, me pus assim a exercitar a memória atrás de pistas que me levassem a pontos de referência na construção deste mapa.

Travo uma verdadeira batalha contra o esquecimento de minha própria história ao buscar minha memória mais longeva, aquela de maior potência.

Dias passam sem que nada me venha a mente.

Recorri a fotos e escritos do passado e aí as coisas vieram como uma enxurrada e de repente minha mente foi alagada por águas passadas. Uma vez me disseram que a água representa a nossa psique, não sei se é verdade, mas sinto-a assim, alagadissa.



18 janeiro de 2020

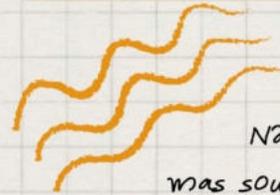
São José dos Campos - Vale do Paraíba/SP

Ao olhar a casa, os móveis,
as fotos e objetos de meus pais,
rememoro a infância,
memórias que agora tem outro sabor.



Das lembranças a mais marcante é que na beira d'água eu transbordo felicidade e desde criança foi assim.

“ Não sei quem essa aí puxou,
só pode ser filha de boto.
Ô menina pra gostar de água!
Uma hora vai é virar peixe. ”



Não sei se sou filha de boto,
mas sou nascida e criada no Vale,
sou filha das águas do Rio Paraíba.

sou filha da água doce.

Água que me lava, me cura,

adoça e rege meu orí.^o



Guiada por suas correntezas, no dia 2 de fevereiro de 2015 cheguei ao sul do Sul,
na cidade banhada pelo rio Jaguarão, águas que batizam a cidade fronteiriça



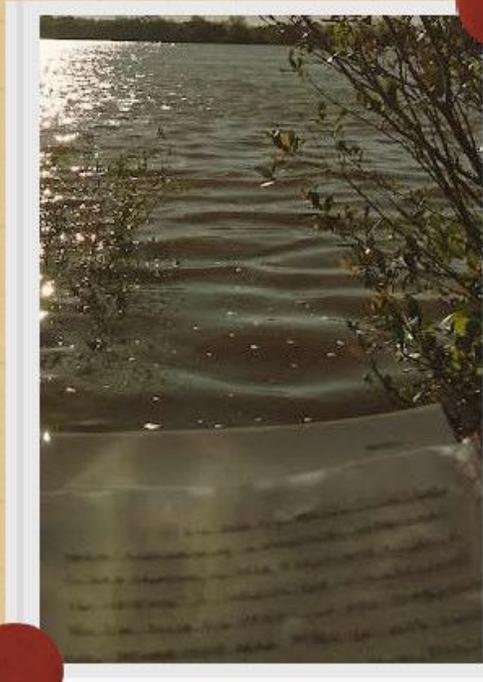
No Uruguai me deparo com um mar de água doce. A Laguna Merín. Por todo
lugar que olho vejo e sinto águas, doces e salgadas, e nelas me permito desaguar.



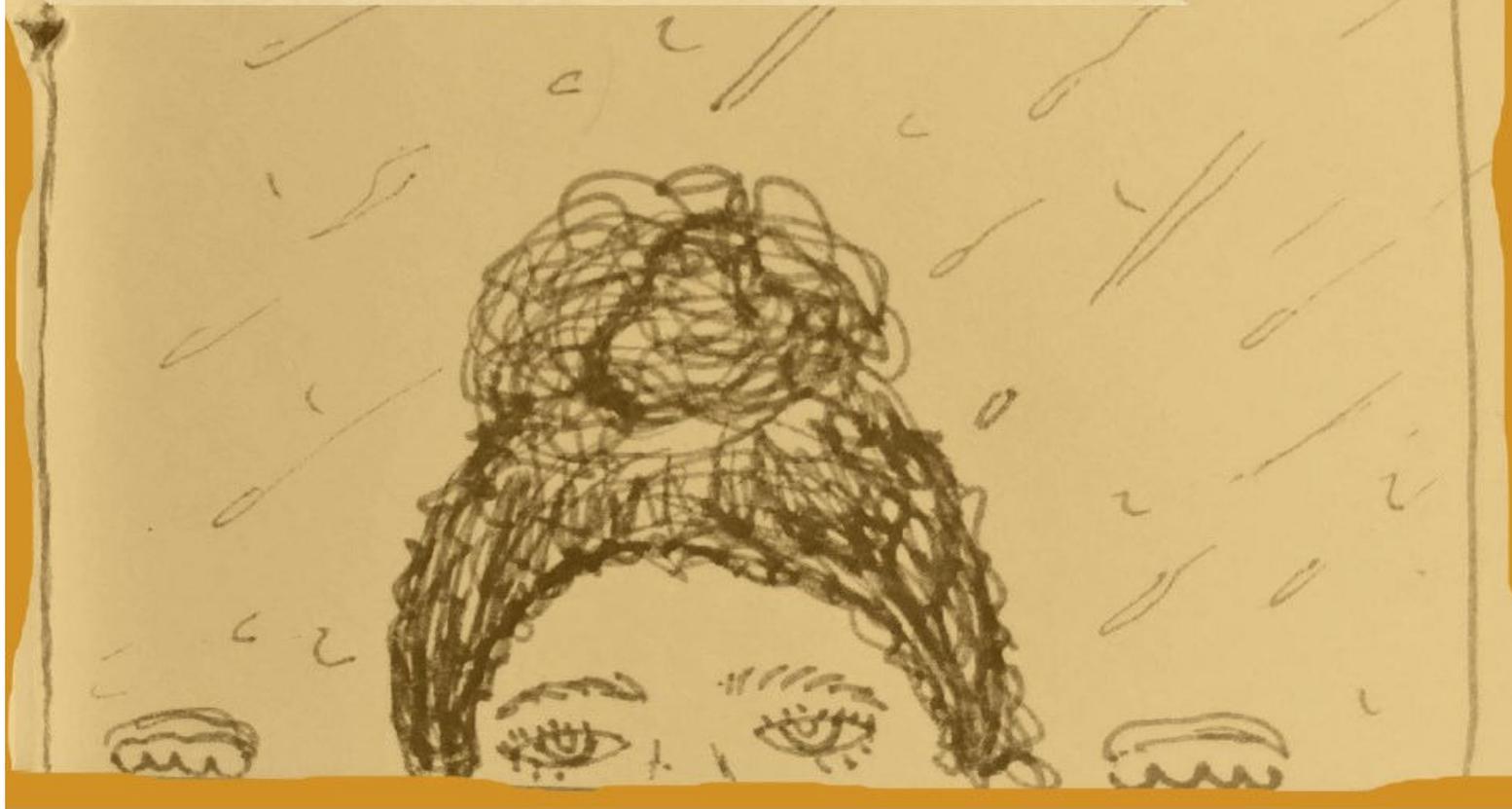
Desague forte, súbita, como uma catarata. O desague é cáptico e potente. É energia criadora. Feito cachoeira, me atiro como quem expurga sentimentos que pulsam em si.

Desague preenchendo espaços, buracos, abismo. No encontro dessas tantas águas com as minhas próprias, vou sendo turbilhão, pororoca. Só que água quando agitada é turva, lamacenta, difícil de enxergar através. "Paciência, Karina! Paciência!" digo a mim mesma. Para pesquisar é preciso treinar o olhar. É preciso se acostumar ao caos para encontrar as respostas que ali habitam.

Percorro esse leito revoltoso até chegar em águas mais mansas. Mais adiante encontro uma menina sentada em um tapete vinho enquanto olha para o dia cinzento de chuva. Parece que a pequena sente um tipo de tédio-tristeza.



Vejo seus olhinhos percorrendo cada centímetro daquele espaço em busca de algo que a tire do tédio e daquele estado melancólico que pairava no ar. Ela ficou um bom tempo olhando as gotas de chuva na janela, quando batia uma rajada de vento tinha a impressão de que as gotas apostavam corrida, deixando o rastro de água riscada no vidro.





Cansada de olhar para a chuva,
observa novamente o espaço que
se encontra, até que seus olhos
encontram a sarrambáia
pendurada no teto.

Vai em sua direção, olha para o
chão e começa a caminhar sobre
as folhas secas caídas. Pela sua
cara parecia estar gostando.

Eu sorri ao ver a cena por
lembrar que também me agrada
a sensação que fica nos pés ao
pisar em folhas secas e do
barulho que elas fazem quando
são esmagadas. Era engraçado
observar aquela menina, de certa
forma me identificava mesmo
sem saber nada sobre ela.

Ela ergue os olhos e mira um quadro pendurado próximo ao vaso de samambaias. Sai dali parecendo decidida a fazer algo. Vai pro quarto, pega uma lousa branca, junta giz de cera e alguns guaches que encontra perdido e começa a desenhar.

A noite cai, sua mãe chega do trabalho e ao notar a arte que menina arteira fizera, diz:

- Não acredito que você estragou sua lousa novinha!

O pai que presenciou toda a luta da garota contra o tédio, logo interrompe:

- Não fala isso! Deixa a menina, ela fez arte!

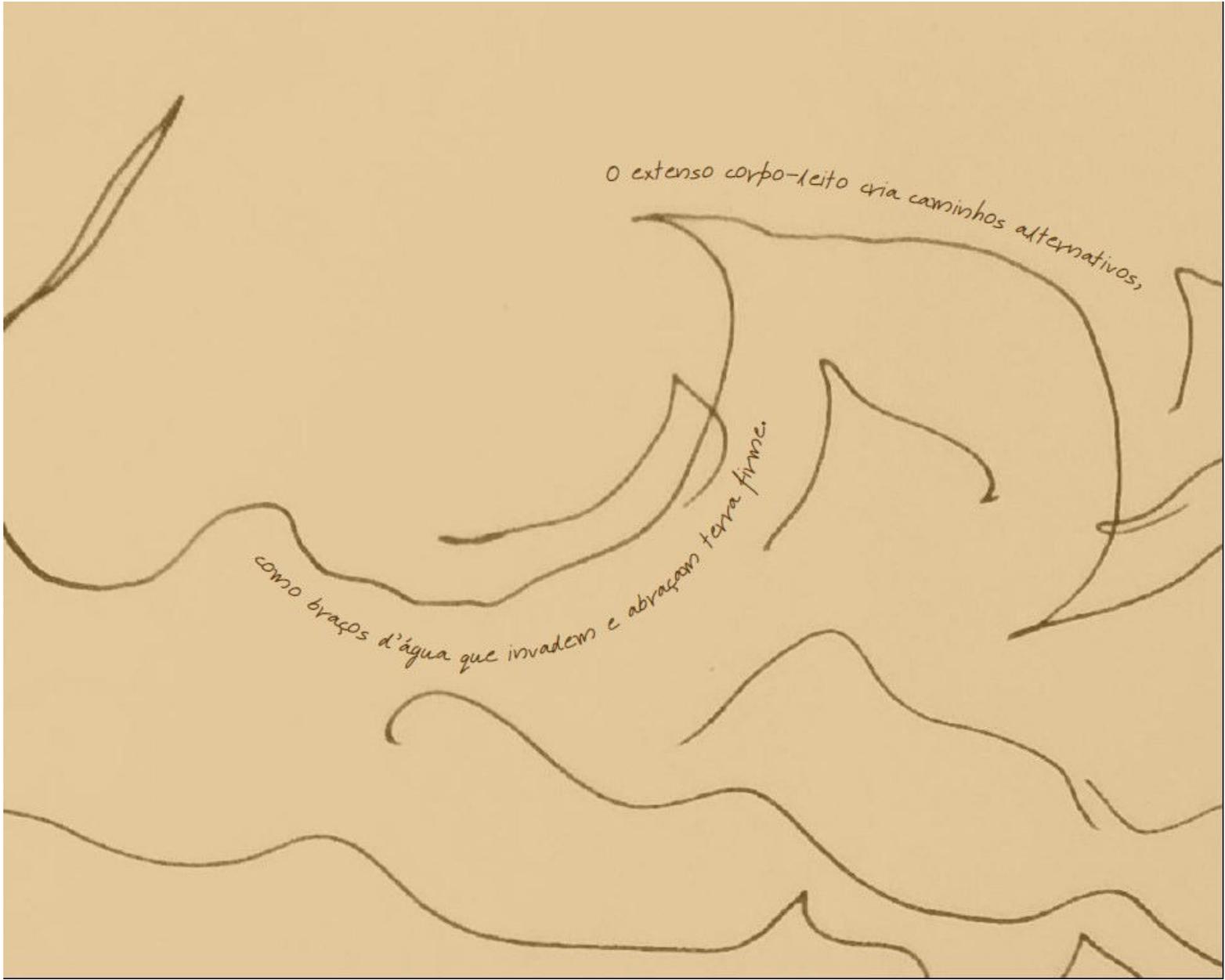
- Que arte o quê? - debocha a mãe.

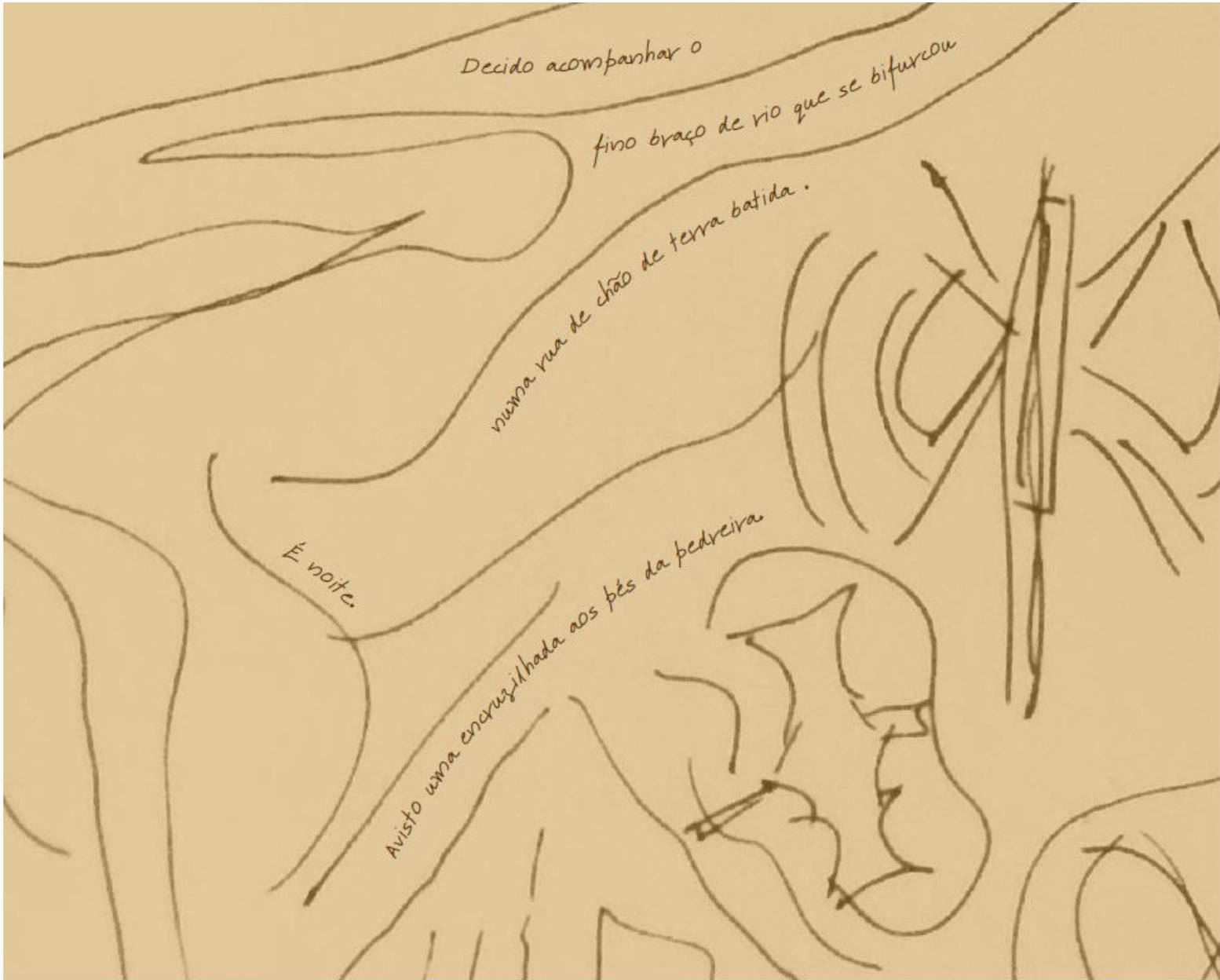
- Claro que é arte! Como que o povo chique que vai em museu fala?

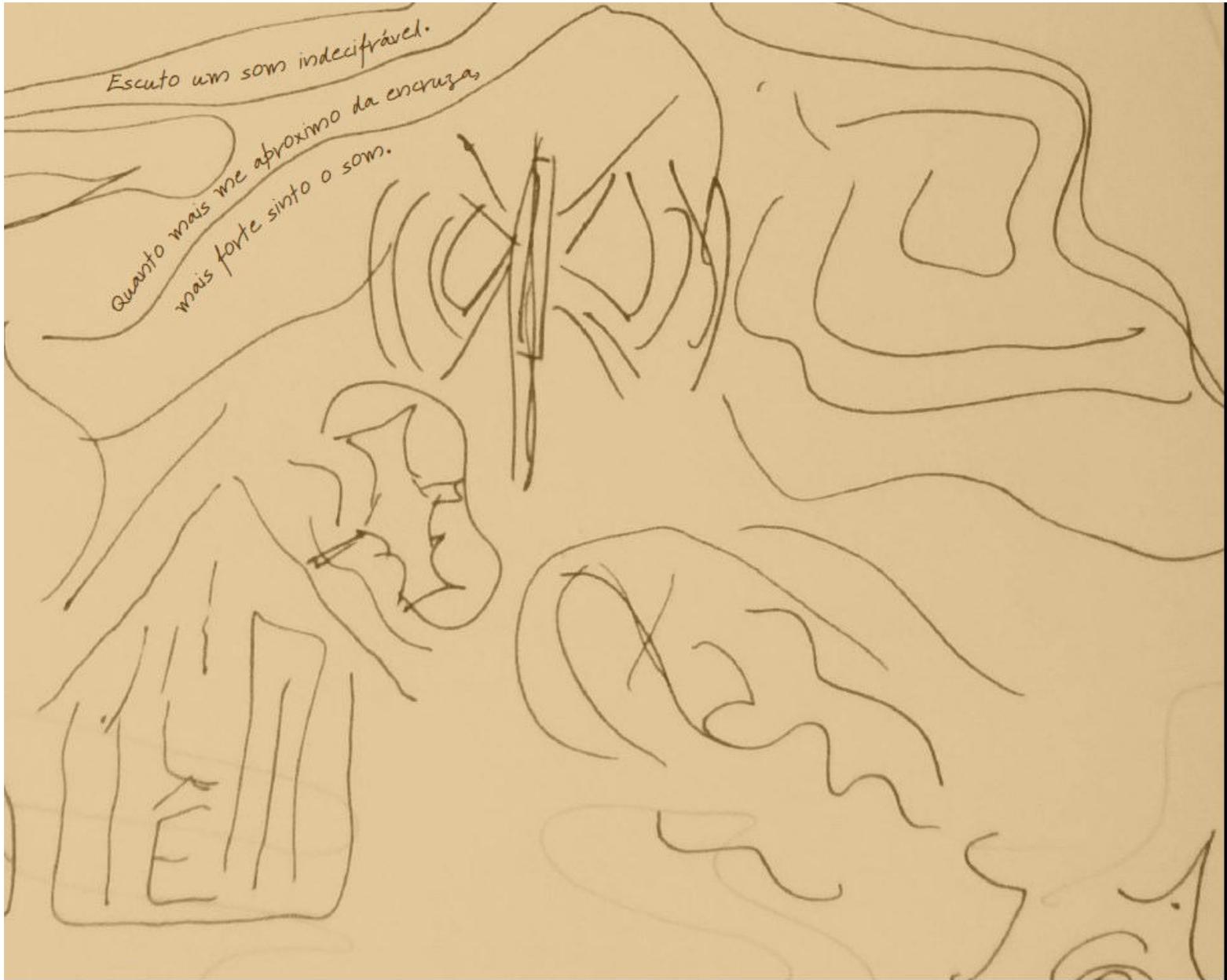
É "arte moderna"? Deixa a menina!



só no momento em que escuto o diálogo dos pais é que me dou conta, esse tempo todo estava a observar a mim mesma. Essa é a tal memória longeva de maior potência que perseguira nas profundezas de minhas lembranças esse tempo todo. Esta é a nascente do rio.









Caminhando um pouco mais,
Identifico o som metálico do agogô.
Continuo as passadas e percebo com
maior nitidez outros sons. Rufam
atabaques, agês e um coro muito forte
começa a cantar:

"Seu Tranca Rua, dá uma volta lá fora
Quem for bom bota pra dentro
e quem não for, deixa lá fora"

A essa altura já me encontrava cruzando a encruzilhada, e lá me deparei com o moço para quem cantavam com tanta devoção.

Ele se apresentou como o guardião das porteiras do reino de Xangô e me convidou a entrar em seu Ilê. Confesso que me enchi de alegria, conforme o ponto versado por seus devotos, com aquele convite podia me considerar uma pessoa mais pra boa do que pra ruim.

Logo me passaram uma vassoura, há de se limpar antes de entrar na casa dos outros.

O lugar cheirava a defumação, pipoca e charuto que o guardião sempre carregava em sua mão. Quando entrei no salão percebi que era uma festa mas o moço me disse que a porteira seguiria aberta pra mim, mesmo em dias menos animados e que eu soubesse aproveitar a oportunidade. Fiquei com aquilo na cabeça mas não entendia direito o que ele queria me dizer.



Frequentando aquele reino muito aprendi. Um dia caminhando pelas sombras das árvores nos fundos notei duas meninas brincando. Me aproximei e ouvi:

- Oi! Eu sou a Rafinha, o que você tá fazendo aqui na casa da minha vó?

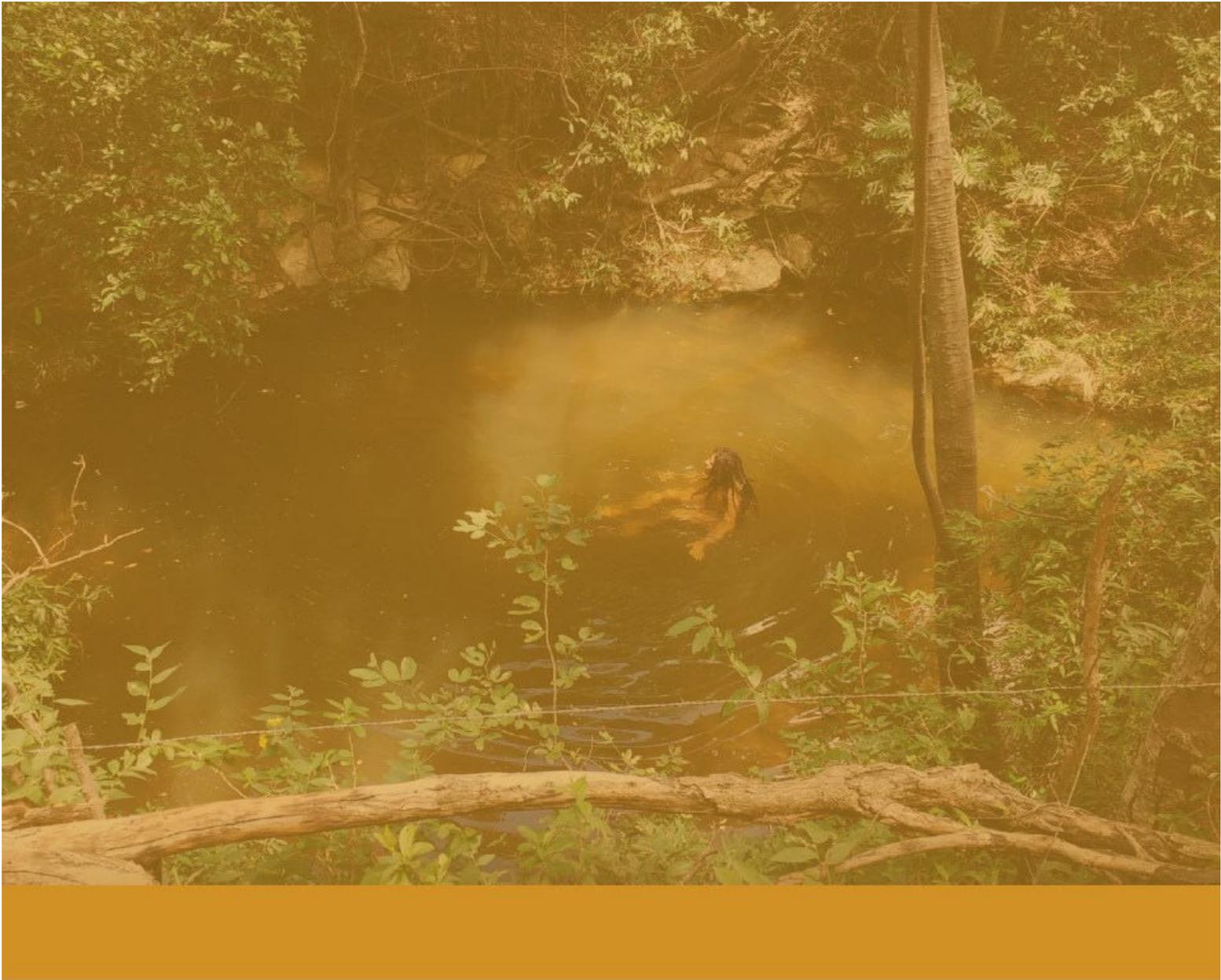
Foi assim que a neta mais nova da Iyalorixá Nice D'Xangô me recebeu na primeira vez em que nos vimos. Nesse dia ela me mostrou que havia um riozinho escondido por entre as folhagens, ele delimita o final do terreiro. Pequeno como uma poça d'água, mas corria e cortava caminhos. Nesse momento me dei conta, se eu fosse falar que meu pequeno território é um reino não faria sentido, pois um reino de pequeno nada tem. Mas sei que meu pequeno território está contido ali.

Penso na canção interpretada por Maria Bethânia que canta:

Dentro do mar tem rio...
Dentro de mim tem o quê?
Vento, raio e trovão
As águas do meu querer

Dentro do mar tem rio...
Lágrima, chuva, aguaceiro
Dentro do rio, um terreiro
Dentro do terreiro tem o quê?

Pois bem, dentro do terreiro tem duas crianças que na beira daquele rio me convidam para ver seus desenhos. Em meio a lápis, papel, tintas e tecidos criamos nosso território de experimentação. Olho para esse lugar pequenino dentro daquele reino e me sinto (re)vivendo aquela memória longa. Como um rio desaguardo no mar, sinto a força da união dessas águas e descubro por fim, este é meu pequeno território. Um rio que corta o reino de Xangô.



_____ Terreiro, cruzo que pare vidas _____

*Os Ibejis, os orixás gêmeos, viviam para se divertir.
Não é por acaso que eram filhos de Oxum e Xangô.
Viviam tocando uns pequenos tambores mágicos,
que ganharam de presente de sua mãe adotiva, Iemanjá.
Nessa mesma época, a Morte colocou armadilhas
em todos os caminhos e começou a comer todos os humanos
que caíam nas suas arapucas.
Homens, mulheres, velhos ou crianças,
Ninguém escapava da voracidade de Icu, a Morte.
Icu pegava todos antes de seu tempo de morrer haver chegado.
O terror se alastrou entre humanos.
Sacerdotes, bruxos, adivinhos, curandeiros,
Todos se juntaram para pôr um fim à obsessão de Icu.
Mas todos foram vencidos.
Os humanos continuavam morrendo antes do tempo.*

*Os Ibejis, então, armaram um plano para deter Icu.
Um deles foi pela trilha perigosa
onde Icu armara sua mortal armadilha.
O outro seguia o irmão escondido,
acompanhando-o à distância por dentro do mato.
O Ibeji que ia pela trilha ia tocando seu pequeno tambor.
Tocava com tanto gosto e maestria
que a Morte ficou maravilhada,
não quis que ele morresse
e o avisou da armadilha.
Icu se pôs a dançar inebriadamente,
enfeitiçada pelo som do tambor do menino.
Quando o irmão se cansou de tanto tocar,
o outro, que estava escondido no mato,
trocou de lugar com o irmão,
sem que Icu percebesse.
E assim um irmão substituía o outro*

*e a música jamais cessava.
E Icu dançava sem fazer sequer pausa.
Icu, ainda que estivesse muito cansada,
não conseguia parar de dançar.
E o tambor continuava soando seu ritmo irresistível.
Icu já estava esgotada
e pediu ao menino que parasse a música por instantes,
para que ela pudesse descansar.
Icu implorava, queria descansar um pouco.
Icu já não aguentava mais dançar seu tétrico bailado.
Os Ibejis então lhe propuseram um pacto.
A música pararia,
mas a Morte teria que jurar que retiraria todas as armadilhas.
Icu não tinha escolha, rendeu-se.
Os gêmeos venceram.
Foi assim que os Ibejis salvaram os homens
e ganharam fama de muito poderosos,
porque nenhum outro orixá conseguiu ganhar
aquela peleja com a Morte.
Os Ibejis são poderosos,
mas o que eles gostam mesmo é de brincar.*

Os Ibejis enganam a Morte – itan transcrito por Reginaldo Prandi

Em 2016, quando me sentia na trincheira de guerra, busquei o Terreiro atrás de equilíbrio. Contudo, não fazia ideia de que ir ao Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô significava necessariamente entrar no reino de Xangô, aquele que governa com equilíbrio e guerreia por justiça. Seu reino, assentado aos pés da pedra, é dirigido por Mãe Nice D’Xangô. Uma preta nascida no sul do Sul no ano de 1966. Mulher fronteira que pariu dois filhos de sangue e fez mais uns tantos de Santo. Uma filha de Xangô sempre fiel, seu braço direito e esquerdo naquele reino. Ela, que iniciara seus passos dentro da religião ainda criança e, já crescida, para além do zelo espiritual, como uma boa filha de Xangô exerce também uma importante função no movimento negro em combate ao racismo, especialmente o religioso.

Desse modo, sua atuação transborda o espaço do terreiro e pipoca nas ruas da cidade de Jaguarão através de eventos, como a Festa de São Jorge, o Dia da Mulher Negra Latina Americana e Caribenha e a Semana da Consciência Negra. Há também sua ativa participação no Conselho Municipal de Política Cultural (CMPC) e o constante diálogo com as Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECULT) e Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED) e, também, com a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) através do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena (NEABI); articulações necessárias para viabilização de palestras, rodas de conversa, oficinas e demais ações promovidas dentro e fora do Terreiro. Isso tudo sem esquecer das atividades que envolvem o Abí Axé as quais, ela cuida dos mínimos detalhes: roteiro de apresentação, figurinos, transporte, alimentação e tudo o que envolve o grupo. Mãe Nice corre gira quando o assunto é dignidade, representatividade e justiça para o povo negro e de Terreiro.

Por acompanhar e participar desse movimento a partir de 2016, afirmo sem receio que ela vem sendo, além de minha Mãe de Santo, minha grande Mestre na arte da Produção e Política Cultural. Mais do

que isso, noto que essa história se repete. O Cacique⁶ Edi Machado D'Ogum, seu primeiro dirigente espiritual, foi o responsável, em conjunto com outras lideranças negro-religiosas, pela idealização da Procissão de São Jorge no município de Jaguarão. O legado herdado, posteriormente, foi ressignificado como a Festa de São Jorge, que acontece a mais de 10 anos no município e está inserida no Calendário de Turismo do Estado do Rio Grande do Sul.

Alguns anos após o falecimento de seu primeiro dirigente espiritual, Mãe Nice teve seus caminhos encruzilhados aos do Babalorixá Nilo D'Xangô e a partir desse precioso encontro, ele veio a ser seu Pai de Santo, assim como o Reino de Iemanjá Candomblé de Xangô e Oxum, passou a ser o seu Ilê, a sua casa. Conta Iyayá e tantas outras pessoas que tiveram o prazer de desfrutar de sua passagem no àiyé⁷, que nosso avô de religião foi um homem muito articulado politicamente, engajado no movimento e uma das figuras centrais na realização da Festa de Iemanjá na praia do Cassino, na cidade de Rio Grande. A maior festa dedicada a ela no estado do Rio Grande do Sul.

⁶ É como é chamado o cargo do dirigente espiritual nos Terreiros de Umbanda.

⁷ Do yorubá, terra. Corresponde ao mundo físico em que habitamos.

Figura 3 – Babalorixá Edi Machado D'Ogum no seu Ilê Reino De Oxóssi



Fonte: Museu Ilê Axé <https://www.museuileaxe.com.br/galeria/>

Figura 4 – Babalorixá Nilo D’Xangô na Festa de Iemanjá, Praia do Cassino 02/02/2017



Fonte: Jornal do Almoço <https://globoplay.globo.com/v/5621962/>

Figura 5 - Marcha Zumbi e Dandara, 8ª Semana da Consciência Negra, 20/11/2018, Jaguarão/RS



Fonte: Acervo Pessoal

Mãe Nice, a partir dos ensinamentos dos saudosos Cacique Edi D'Ogum e Babá Nilo D'Xangô, viabiliza um novo parâmetro, uma outra forma particular de ser e estar nesse mundo, uma forma diferente do modelo monológico de existir, exercer e expressar a própria corporalidade. Esse “jeito nosso”, como a escuto dizer frequentemente, se trata de uma maneira de ensinar e aprender própria dos Terreiros, como nos mostra Vanda Machado:

O espaço do terreiro compreende um lugar atemporal e possui métodos próprios de aprender e de ensinar. Os nossos mais velhos aprenderam a fazer observando, imitando e admirando os seus mais velhos nos seus saberes e fazeres. Como que obedecendo a uma cadeia para a manutenção, continuidade e expansão da cultura do povo de santo cabe-lhes ensinar como aprenderam para que os mais novos possam dar continuidade à tradição. De fato, o ato de ensinar na comunidade de terreiro significa colocar o outro dentro de seu odu, dentro de sua própria sina, do seu caminho, do seu jeito de ser no mundo do jeito como ele é. Entendemos que esta é uma singularidade que merece ser situada dentro do pensamento de matriz africana. Estamos falando do pensamento tradicional africano recriado nas comunidades do terreiro. (MACHADO, 2013, p. 41.)

Ao reconhecer que Mãe Nice vem sendo uma grande referência e ela, por sua vez, igualmente reconhece seus mais velhos como fonte de saber que extrapola o culto em si, torno firme a crença de uma importante noção para este trabalho: o Terreiro vai muito além de um templo religioso. Ele é escola, é casa, é museu, é ponto de cultura viva e potente. Cultura que pulsa, transforma e reconecta. Nesse espaço, como bem aponta Vanda Machado (idem), os saberes e fazeres tradicionais africanos vêm sendo recriados desde a

diáspora. Ali se faz a manutenção da continuidade e, também, a expansão dessa cultura recriada a partir dos cruzamentos de tantas vidas que ali atravessam e são igualmente atravessadas.

Quando afirmo que Terreiro é escola, é importante demarcar, contudo, que não se trata do ambiente escolar criado e legitimado pela branquitude, a Escola Tradicional – esta é o aparelho institucional de fabricação de sujeitos conformes a uma moral, ética e ideologia –. Não se trata do lugar onde pessoas negras foram violentamente cerceadas de frequentar a partir da Lei nº 1, outorgada em 14 de janeiro de 1837, que previa:

Artigo 3º São proibidos de frequentar as Escolas Públicas:

1º Todas as pessoas que padecerem de moléstias contagiosas.

2º Os escravos⁸, e os pretos Africanos, ainda que sejam livres ou libertos. (ASPHE, 2005, p.199.)

⁸ Importante assinalar que a utilização deste termo vem sendo tensionado por atrelar o estado de desumanização enquanto uma identidade natural da população que foi submetida ao processo de escravização. Assim sendo, na minha escrita utilizo o termo “escravizado/a” que demarca esta enquanto uma condição forçada. A escravização foi um projeto político orquestrado por um grupo que se colocou como universal, e não uma condição natural a qual se nasce habituado.

Ao declarar que Terreiro é escola, me alinho às palavras de meu mais velho, já citado anteriormente, Tássio Ferreira. Ele pensa o Terreiro como “espaço escolar não oficializado pela branquitude que inspira a pensar uma estrutura de ensino circular, ancestral e comprometida com a vida” (p. 51-52, 2021). Ainda, amparada por seus escritos, corroboro com a ideia de que:

O Terreiro é escola, em seu sentido mais ampliado, que possibilita o pertencimento, a autonomia e protagonismo para as pessoas de axé. Eu convivi e convivo com mulheres que a partir do axé criaram sua independência financeira, seja costurando para santo, seja vendendo acarajé, seja fazendo paramentas para *Nkisi*, ou até mesmo sobrevivendo através de consultas espirituais, trabalhos, limpezas, etc. O Terreiro antepara uma formação “não diplomizada”, que garante, do ponto de vista da sociedade geral, profissionalização, escolarização, produção de pesquisa e conhecimento que circula. (FERREIRA, 2021, p. 57.)

Mas por que estou aqui mobilizando corpos e memórias para defender o Terreiro enquanto um espaço de formação? Porque apesar da Lei nº1 supracitada não estar mais em execução, o ideal escravocrata e racista que sustentou a sanção dela – e de tantas outras – segue privilegiando institucionalmente uma minoria que majoritariamente ocupa espaços de poder. Isso porque essa lei estruturou os fundamentos da educação infanto-juvenil do e no Brasil enquanto Nação (e não mais enquanto Colônia), o que, portanto, não é sem ressonâncias futuras. O que preserva e alimenta essa estrutura é o que chamamos de branquitude, parida no cerne do processo de colonização, como nos diz Cida Bento, em seu livro Pacto da branquitude (2022).

A autora demonstra que antes do início do período colonial o continente europeu era pouco expressivo economicamente, enquanto os continentes africano e asiático se destacavam nesse quesito. Ela fala

sobre uma reversão dessa situação quando a Europa passa a ocupar esse lugar de potência econômica, ao passo em que a Ásia e a África passam a enfrentar “problemas crônicos de pobreza”. Isso, segundo Bento, ocorre como efeito da destruição de estruturas econômicas e sociais tradicionais dessas regiões, para além da extração de recursos desses locais (p. 18).

Ainda em seus escritos, Cida Bento explicita que o tom de pele vem como base do discurso europeu para criar a distinção e a ideia de superioridade, e, chama atenção para alguns termos que são amplamente utilizados nas narrativas que contam as “gloriosas” conquistas europeias: bárbaros, pagãos, selvagens e primitivos. Para ela, os termos por si só, dão a ver a cosmologia norteadora da percepção eurocêntrica para com o *outro* (p. 18).

A psicóloga se ampara nas palavras escritas no livro *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (1990), do professor Edward Said, para descrever a forma como se construiu não só uma diferenciação do *outro*, mas também, o transformou em uma potencial ameaça. Nas palavras da autora:

“esse outro tem muito mais a ver com o europeu do que consigo próprio. Analisando a visão do europeu sobre os não europeus, pode-se concluir que aquele ganhou em força e em identidade, uma espécie de identidade substituta, clandestina, subterrânea, colocando-se como o “homem universal”, em comparação com os não europeus.” (p. 17-18)

Anne Lafont, historiadora da arte, sobre o mesmo assunto, afirma: “[...] o instinto de classe, ou de raça branca” nasce num processo imaginário e discursivo de alterização dos negros, por meio da construção da identidade europeia, que é “fundada, no plano simbólico, na relação em espelho com o Africano como

Outro absoluto". (2019, p.52.) Cida Bento relembra fatos do período que são pertinentes de serem citados. Dentre eles, a colonização europeia que traficou 18 milhões de africanos escravizados no período de 1500 a 1900. Um escravizado na colônia representava para a Inglaterra, cerca de 130 vezes mais lucro do que um inglês trabalhando em seu próprio país. Foi a escravidão nas colônias que propiciou a consolidação do capitalismo industrial nas metrópoles. A população negra foi o grande motor da economia em seus diferentes ciclos. Mãos negras produziram e construíram a riqueza usufruída quase que exclusivamente pelas classes abastadas. (BENTO, 2022, p. 17-19.)

Toda opulência e privilégios originados desse processo seguem sendo protegidos através do que Cida Bento chama de pactos narcísicos. É na relação em espelho com o africano, citada por Lafont, que se consolidam tais pactos. A branquitude, tal qual Narciso, olha para essa imagem que construiu sobre si. Apaixonada por essa ilusão de si, acredita ser merecedora dos privilégios que usufrui. Ao aceitá-los, tacitamente assume o compromisso de manter a boa aparência de sua moral e de seus bons costumes, e, também, de preservar e nutrir esse lugar para suas gerações futuras. Assim, a branquitude alimenta seu reflexo inventado a partir de seus delírios meritocratas, silenciando toda a violência sob a qual construiu sua própria imagem. Esse é o enredo do conto de fadas que ninou a casa grande e que continua a embalar silenciosamente os sonhos da branquitude contemporânea.

Trata-se da herança inscrita na subjetividade do coletivo, mas que não é reconhecida publicamente. O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo. Este é o pacto, o acordo tácito, o contrato subjetivo não verbalizado: as novas gerações podem ser

beneficiárias de tudo que foi acumulado, mas têm que se comprometer “tacitamente” a aumentar o legado e transmitir para as gerações seguintes, fortalecendo seu grupo no lugar de privilégio, que é transmitido como se fosse exclusivamente mérito. (BENTO, 2022, p. 15)

Um exemplo disso, é a reparação promovida para os proprietários de escravizados em 1871, com a promulgação da Lei do Ventre Livre. A partir desse momento, as crianças paridas por mulheres em situação de escravidão ficavam sob a tutela dos senhores até que completassem oito anos de idade, após isso, os senhores poderiam escolher se seriam indenizados pelo Estado ou se exigiriam a compensação da própria criança. Neste último caso, a criança seguia sob o regime de escravidão até completar 21 anos. Essa medida pode ser lida como a institucionalização do trabalho infantil, sugere Daniel Teixeira⁹, ao provocar que nos atentemos que, não à toa, na atualidade, o trabalho infantil se trata de um problema sofrido majoritariamente por crianças negras (idem, p. 21).

O que mantém esse problema incidindo predominantemente sobre elas são justamente os pactos da branquitude. Os mesmos pactos também são responsáveis por assegurar que detalhes como esse circulem bem longe dos livros didáticos. Assim, cotidianamente os currículos asseguram novas faces da colonização,

⁹ Daniel Bento Teixeira, “Equidade racial nas empresas não é nada mais que obrigação”. UOL, 23 set. 2020. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/colunas/2020/09/23/daniel-bento-teixeira-cert.htm>>. Acesso em: 16 dez. 2022

alimentando a falácia da bondade vinda de uma parcela da branquitude “abolicionista” e colocando a cultura negra em um lugar de passividade, invisibilidade e primitividade.

Abrindo mais essa roda, este Xirê conceitual, chamo atenção para as palavras de Mano Brown, na faixa *12 de outubro*, do álbum *Nada como um dia após o outro dia* (2002) dos Racionais Mc's. Nela, Brown narra a seguinte situação:

12 de outubro de 2001, Dia das Crianças
Várias festa espalhada na periferia [...]
Aí no caminho, nós passamo' dentro de uma
favela assim
E trombamos uns molequinho
Jogando bola e tal, começamos a provocar
Ei moleque, 'cê é Santista? Tal
Não, sou Corinthiano [...]
Comecei pensar nas dos moleque
E aí, mano, e aí, 'tá estudando e tal? [...]
'Cês ganharam presente?
Aí ele falou ganhei foi tapa na cara hoje
Falei por que você tomou um tapa na cara?
Ah, minha mãe deu um tapa na minha cara
Foi isso que eu ganhei, não ganhei presente
não
Falou assim, ó, bem convicto mesmo
Aí eu falei assim e por que você tomou um
tapa na cara?
Porque eu xinguei ela

Mas por que você xingou?
Lógico, todo mundo ganhou
presente eu não ganhei por quê?
Aí eu fiquei pensando, né, mano
Como uma coisa gera a outra
Isso gera um ódio
O moleque com dez anos tomar um tapa na
cara no Dia das Crianças
Eu fico pensando quantas morte
Quantas tragédias em família
O governo já não causou
Com a incompetência, com a falta de humanidade?
Quantas pessoas num morreram
De frustração, de desgosto?
Longe do pai, longe da mãe, dentro de cadeia
Por culpa da incompetência desses aí
Entendeu?
Que fala na televisão, fala bonito
Come bem, forte, gordo, viaja bastante
Tenta chamar os gringo aqui pra dentro

Enquanto os próprios brasileiro tão aí, ó
Jogado no mundão
Do jeito que o mundão vier
Sem nenhum plano traçado
Sem trajetória nenhuma, vivendo a vida, só
E o moleque era mó' revolta', vai vendo
O moleque revolta'
E ele 'tava friozão, jogando bola lá, pá

Como se nada tivesse acontecido, ali marcou pra ele
Talvez ele tenha se transformado numa outra pessoa
aquele dia
Vai vendo o barato
Dia das Crianças
(RACIONAIS, 2002.)

Não preciso me esforçar para traçar uma linha entre a reflexão proposta por Daniel Teixeira à reflexão de Brown. Quantos moleques “mó revolta” já te ofereceram bala no sinal? Sem perder o fio da meada, o exercício aqui é desvelar algumas das mais severas desigualdades estruturantes da sociedade brasileira. É necessário demarcar que uma criança negra vendendo bala no sinal é apenas um (dos inúmeros) resultados da continuidade de políticas iniciadas ainda no período colonial por uma branquitude que se sustenta sobre o discurso meritocrata. A meritocracia é uma das maiores mentiras contadas nesse país e anda de mãos dadas com o mito da democracia racial.

O Artigo 5º da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), prevê: “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, 1990). Apesar de regulamentado, é possível observar cotidianamente crianças tendo seus direitos básicos sendo infringidos. Cabe, portanto, o questionamento: a cargo de quem fica o cumprimento desta Lei quando é o próprio Estado que promove a negligência, a discriminação, a exploração, a violência, a crueldade e a opressão?

Um homem na estrada recomeça sua vida
Sua finalidade a sua liberdade
Que foi perdida, subtraída
E quer provar a si mesmo que realmente mudou
Que se recuperou e quer viver em paz
Não olhar para trás
Dizer ao crime: nunca mais!
Pois sua infância não foi um mar de rosas, não
Na FEBEM, lembranças dolorosas, então
Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim

Muitos morreram sim, sonhando alto assim
Me digam quem é feliz
Quem não se desespera vendo
Nascer seu filho no berço da miséria
Um lugar onde só tinham como atração
O bar, e o candomblé pra se tomar a benção
Esse é o palco da história que por mim será contada
Um homem na estrada.
(RACIONAIS, 1993.)

O sampleado da música *Ela partiu*, de Tim Maia, feito por KL Jay e as rimas de Brown, imortalizam a canção *Um homem na estrada*. Na narrativa, Brown versa sobre a dura realidade de um egresso do sistema penitenciário, e mais uma vez, os Racionais nos oferecem um verdadeiro Raio-X do Brasil (1993)¹⁰.

A título de informação, a antiga FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor), citada na música, hoje é chamada de Fundação CASA (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente) e se responsabiliza por prestar "[...] assistência a jovens de 12 a 21 anos incompletos em todo o Estado de São Paulo. Eles estão inseridos nas medidas socioeducativas de privação de liberdade (internação) e semiliberdade. As

¹⁰ Álbum que contém a faixa *Um homem na estrada*.

medidas — determinadas pelo Poder Judiciário — são aplicadas de acordo com o ato infracional e a idade dos adolescentes¹¹ (FUNDAÇÃO CASA). Cabe dizer também que a fundação desse órgão está intimamente ligada ao processo de abolição da escravidão no Brasil. Por isso, não surpreende os dados de que 71,38% dos jovens inseridos hoje na instituição, são negros (55,45% pardos e 15,93% pretos)¹². (AIO, 2022)

Pra quem vive na guerra, a paz nunca existiu
No clima quente, a minha gente sua frio
Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil¹³
(RACIONAIS, 2002)

Mais do que músicas, o grupo – que nasce em 1988, junto com a Constituição Cidadã e a exatos 100 anos pós abolição – nos oferta entendimentos extremamente lúcidos a respeito de um contexto dolorosamente vivenciado. Não à toa, o álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997) veio a ser publicado como livro pela Companhia das Letras e, posteriormente, se tornou leitura obrigatória no vestibular da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas/SP). Como texto introdutório, o professor Acauam Silvério de Oliveira desenha a conjectura social

¹¹ Retirado de: <https://fundacaocasa.sp.gov.br/index.php/a-fundacao-casa/> Acesso: 05/01/2023

¹² Boletim Estatístico Diário da Fundação Casa, divulgado pela Assessoria de Inteligência Organizacional no dia 30/12/2022. Para acessar este e outros dados: https://fundacaocasa.sp.gov.br/index.php/boletins_2022/ Acesso 05/01/2023

¹³ Faixa *Negro Drama*, do álbum *Nada como um dia após o outro dia*.

vivida na época do lançamento do álbum, a partir de uma sucessão de “tragédias programadas” empreendidas pelo Estado. É nesse cenário que surgem os Racionais Mc’s:

- 2 de outubro de 1992, Massacre do Carandiru/SP. Chacina promovida pela Polícia Militar, onde mais de III detentos foram brutalmente assassinados, sendo a maioria deles réus primários. Em documentos oficiais, o episódio circula como “rebelião” ou “motim” do Pavilhão 9.
- 23 de julho de 1993, Chacina da Candelária/RJ. Quatro policiais militares atiram em cerca de 50 crianças e adolescentes em situação de rua que dormiam nas escadarias da igreja da Candelária.
- 29 de agosto de 1993, Chacina do Vigário Geral/RJ. Mais de 30 policiais militares sem uniformes e encapuzados invadiram a Favela Vigário Geral, arrombaram casas e executaram 21 moradores inocentes sob a falsa alegação de ligação com o tráfico. Nenhum dos mortos teve sua ligação com o tráfico confirmada.

A sucessão de tragédias programadas no intervalo de menos de um ano confirmava, para quem estivesse disposto a ver, que o genocídio ocorrido no Carandiru não só não havia sido um acidente, como se tornava uma norma que não se restringia às cadeias do país. Longe de se tratar de equívocos ou desvios, a série de episódios trágicos configurava-se como um verdadeiro projeto de gerenciamento da miséria por meio da violência. O que a periferia percebeu antes de todos é que esse modelo genocida de organização social, ancorado numa série de mecanismos herdados da escravidão e aperfeiçoados durante a ditadura, não se voltava apenas contra aqueles considerados “criminosos”, tendo se convertido em norma geral,

com aprovação quase irrestrita da opinião pública. (OLIVEIRA, 2022, p. 5; grifo meu.)

Diante de tudo isso, quando defendo o Terreiro enquanto um espaço formativo não oficializado, parto necessariamente do pensamento de que por meio do axé – da energia vital – se produz uma política de vida que, por sua vez, opera em oposição a toda essa violência e morte manipulada a séculos pela branquitude e suas “máquinas de guerra” (MBEMBE, 2016), vide o trecho já citado de um homem na estrada:

Quem não se desespera vendo
Nascer seu filho no berço da miséria
Um lugar onde só tinham como atração
O bar, e o candomblé pra se tomar a benção
(RACIONAIS, 2002)

Em um lugar onde o Estado escanteia negros e pobres em periferias e as condena a uma condição insalubre e de extrema violência – que inclusive vai contra a própria Constituição –, temos o Terreiro sendo uma das poucas possibilidades de vida. É por isso que defendo o alargamento do entendimento desse território para além de um templo religioso. Essa instituição, desde a sua origem, promove uma alternativa à violência colonial sistêmica entranhada em nossa sociedade até hoje, porque não podemos esquecer que a Colônia não desapareceu com o Império, nem com a República.

[...] Enquanto a vida se inscreve como possibilidade, ciclicidade e continuidade consagrada pelos ritos, a concepção de morte se inscreve como a dimensão do esquecimento, do desencantamento. O projeto colonial compreende-se como um projeto de mortandade, calçado na produção do desvio existencial e da aniquilação de saberes. [...] Esse massacre corresponde à ausência e à

descredibilidade inculcada às pessoas não brancas. (RUFINO, 2019, p.68)

Todo esse refinamento do Estado em promover violência e morte para um determinado grupo, é chamado por Achille Mbembe (2016) de necropolítica. *Grosso modo*, ela diz respeito às políticas de morte como uma macroestrutura instalada em países colonizados que funciona para manutenção de uma determinada forma de soberania, a que, nas palavras do filósofo camaronês, gerencia e provoca a morte. Ou seja, a soberania que se expressa no poder de não só deixar morrer como também de fazer matar. A morte, por sua vez, não ocorre apenas no campo físico. Ela se dá também no simbólico, a partir do apagamento de identidades, histórias, linguagens e legados.

Assim, desde a sua gênese em terras brasileiras, quando ainda era chamado de Pequena África, até o presente momento, o Terreiro vem promovendo uma política de vida. Afirmar isso significa dizer justamente que ele, em suas mais diversas formas, combate diretamente o desarranjo das memórias, o desmantelo cognitivo, o banzo que é a tristeza profunda e o desgosto pela vida resultante do processo da colonização, da escravização e da manutenção, no pós-abolição, de todas essas estruturas mortíferas via instalação de um República Racista.

No livro *Direitos dos Povos de Terreiro* (2020), Lúcia Xavier versa a respeito da importância das religiões de matriz africana enquanto um modelo organizativo nos âmbitos econômico, social e político. Ela, que é Ekéjì e também assistente social, afirma que foram justamente as religiões afro-brasileiras que restauraram a humanidade arrancada com a escravidão e reconstruíram origens, histórias e ancestralidades da população negra. (XAVIER, 2020, p. 7.)

Dado o contexto de violências rascunhado até então, não surpreende a ninguém que o espaço que opera em oposição às políticas de morte promovidas pelo Estado também seja alvo de repressão e exclusão. Lúcia Xavier demarca que essas violências contra as religiões de matriz africana são frutos de estratégias que tinham o objetivo de eliminar essas culturas em detrimento da famigerada “identidade nacional”, que sempre esteve baseada – imaginada – discursivizada no padrão de civilidade ocidental (p. 8).

Os Códigos Penais de 1890 e 1940 foram os instrumentos garantidores da perseguição desse complexo. Muitas tradições foram atacadas, seus símbolos quebrados ou apreendidos e seus líderes presos [...]. Somente com a reforma da Constituição Federal de 1988, as religiões alcançaram o direito de existir, deixando, assim, de ser reprimidas pelo Estado. (idem.)

Cabe demarcar que ao afirmar que as religiões afro-brasileiras deixaram de ser reprimidas pelo Estado, quer dizer que a partir de 1988, ao menos no texto da Lei, os Terreiros tiveram algum respaldo jurídico para se amparar, já que com a recém nascida Constituição Federal, através do Art. 5º, ficou instituído que:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
[...]

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias; (BRASIL, 1988.)

Apesar disso, como já demonstrado, o aparelho do Estado segue sendo comandado por uma branquitude que não hesita em ferir a própria Constituição em detrimento da manutenção de seus privilégios. Segundo Lúcia Xavier, apenas no ano de 2019, foram registrados mais de 400 ataques a Terreiros no Disque 100, serviço de denúncia do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do Governo Federal. Os crimes atentados contra os Terreiros, dos antigos até os mais atuais, seguem sem reparação e, segundo a autora, em muitas situações a vítima é responsabilizada pela situação de violência sofrida (2020, p. 8-9).

500 anos de Brasil e o Brasil aqui nada mudou
(RACIONAIS, 2002)¹⁴

Aqui também se articula uma *guerrilha epistêmica* (RUFINO, 2019, p. 10), porque, fundamentalmente, o problema do conhecimento atravessa as questões étnico-raciais. Rufino chama a colonização de engenharia de destroçar gente. Portanto, o que somos ensinados a chamar de civilização, é, na

¹⁴ Faixa *A vida é desafio* do álbum Nada como um dia após o outro dia.

realidade, barbárie. E contra essa má sorte que nos assombra, contra esse *carrego colonial* ou *marafunda*¹⁵ é que guerreamos (idem, p. 10-12.). Por essa razão, Iyá Nice sempre exalta quem tem a liberdade de exercer a sua religiosidade Terreiro afora e assim o faz. Para ela, se somar ao esforço dos que permanecem hoje, é honrar a luta dos que vieram antes.

– Por isso que ainda precisamos seguir na luta contra o racismo e a intolerância religiosa. Ir pra rua com alegria, respeito e amor, usando nossas saias, panos de cabeça e guias no pescoço. Bater palma, bater tambor e cantar pelo direito à liberdade de cultuar nossos Orixás, de ser quem se é. De poder dizer com orgulho e sem medo: somos de religião de Matriz Africana! Eu lembro lá atrás, nos anos 70, da Procissão de São Jorge quando eu era menina. A gente saía lá da minha primeira casa, do Pai Edi. Conforme a gente saía do bairro e ia chegando mais pelo centro, as pessoas tacavam pedra na gente. Você imagina? Jogar pedras nas pessoas, com crianças, gente de mais idade... Era um grupo grande, fazendo uma manifestação de fé, amor e devoção a São Jorge guerreiro, ao nosso pai Ogum. Pensa no absurdo! Tem gente que pode ouvir e falar “Nossa, não acredito!” mas é verdade e ainda hoje em muitos lugares isso ainda acontece. Terreiros de Umbanda e Candomblé são invadidos, depredados, isso é muito triste... é um retrocesso que eu não pensava em ver em pleno anos 2000.

¹⁵ “[...] condição da América Latina submetida às raízes mais profundas do sistema mundo racista/capitalista/cristão/patriarcal/moderno europeu e às suas formas de perpetuação de violências e lógicas produzidas na dominação do ser, saber e poder.” (RUFINO, 2019, p. 12)

Já é 2022, sabe? Até quando isso vai continuar? Existe uma Lei de liberdade de expressão religiosa. O Estado pela Constituição é laico, mas ainda tacam pedra em gente, fogo em Terreiro, agridem com palavras... é só ver as notícias. Aqui pelo menos se evoluiu nesse sentido, hoje conseguimos ir pra rua sem passar por essas violências de quando eu era menina. Que Oxalá permita que assim continue! Seja quem for o gestor público, que esteja preparado pra nos amparar e proteger quando for preciso. A gente tem conquistado nosso espaço e o mínimo de respeito, mas não é pela bondade deles lá.. a gente sabe bem o trabalho que temos feito nas ruas, nas escolas, na faculdade, ajudando a cumprir a 10.639 e mesmo antes dessa Lei existir né? Não é fácil, mas com a força dos Orixás vamo vencendo as demandas... só não pode parar, né?

É isso aí, você não pode parar
Esperar o tempo ruim vir te abraçar
Acreditar que sonhar sempre é preciso
É o que mantém os irmãos vivos¹⁶
(RACIONAIS, 2002)

Apesar de tantas violências, físicas e simbólicas, as culturas afro-brasileiras, em suas mais diversas manifestações, seguem trilhando esse árduo caminho que é a luta pelo direito de existir. Por isso, ato o ponto

¹⁶ Faixa do álbum Nada como um dia após o outro dia.

(emprestando o termo do camaradinho Luiz Rufino): o Terreiro é cruzo que pare vidas e as em-sina formas de continuidade em uma sociedade que despreza e subjuga o povo que assentou tijolo por tijolo dessa “civilização”.

O conceito de civilização está atrelado a um determinado grau de desenvolvimento desse povo – desenvolvimento que tem como padrão, geralmente, o pensamento europeu. Desse modo, o conceito de civilização está repleto de registros de datas e documentos que constituem dados importantes para os ocidentais, mas que não servem de parâmetro para culturas que se caracterizam por outras formas de comunicação. (MACHADO, 2019, P. 79)

Esse padrão baseado no pensamento europeu o qual se refere Vanda Machado, é alicerce que estrutura as instituições no país. É por isso que, lá atrás, quando afirmei que Terreiro é escola, foi necessário discorrer a respeito da barbárie sobre a qual a sociedade brasileira se edificou – inclusive epistemologicamente –, para demarcar o afastamento do Terreiro dessa estrutura de pensamento colonial e pontuar sua existência enquanto uma resposta contrária às políticas de mortandade e o racismo institucional.

Aimé Césaire, em seu Discurso sobre o colonialismo, recomenda “[...] antes, estudar como a colonização funciona para descivilizar o colonizador; para brutalizá-lo, no sentido apropriado da palavra, degradá-lo, despertá-lo para instintos soterrados, cobiça, violência, ódio racial, relativismo moral [...]. (2020, p. 17). Portanto, seguindo essa orientação, demarquei as barbáries produzidas pelo colonialismo e mantidos pela colonialidade afim de destituir a imagem do homem branco salvador de nossos inconscientes. A descivilização do colonizador é um movimento necessário para despertar a branquitude de suas ilusões sobre si. Descivilizar porque:

Uma civilização que se mostra incapaz de resolver os problemas que seu funcionamento provoca é uma civilização decadente. Uma civilização que opta por fechar os olhos para seus problemas mais cruciais é uma civilização doente. Uma civilização que se esquiva diante de seus princípios é uma civilização moribunda. O fato é que a chamada civilização “europeia”, civilização “ocidental”, tal como foi moldada por dois séculos de governo burguês, é incapaz de resolver os dois principais problemas aos quais sua existência deu origem: o problema do proletariado e o problema colonial. Levada ao tribunal da “razão” e ao tribunal da “consciência”, a Europa se mostra impotente para justificar-se. Cada vez mais, se refugia na hipocrisia, tanto mais odiosa por ter cada vez menos chances de enganar. *A Europa é indefensável.* (idem, p. 9).

Contudo, não é meu interesse apenas demarcar as mazelas empreendidas pela branquitude parida no seio da colonização europeia, mas sim, somar esforços a fim de combatê-las, especialmente no terreno da arte e da educação. Portanto, após rascunhar esse breve panorama histórico de opressão, é necessário visibilizar outras narrativas, para isso, me sento no chão, aos pés de meus mais velhos, com olhos e ouvidos atentos aos movimentos por eles em-sinados, e convido você, pessoa que me lê, a se juntar nessa prática.

Agora que ficou nítido o tipo de escola que o Terreiro não é, falemos então, das formas de ensinar e aprender que esse território proporciona, sobre esses parâmetros outros que ali se estabelecem, sobre a maestria em se espantar a morte através do reencantamento da vida e do importante lugar da criança nessa sistemática circular.

_____“vivendo e aprendendo”:

a educação no cotidiano do Terreiro_____

O imaginário produzido pelo racismo, tende a demonizar manifestações culturais que possuem elementos de matriz africana e afro-brasileira. Partindo disso, os cultos afro-religiosos são corriqueiramente pintados como algozes da “criação divina cristã”. Por esse motivo, para as pessoas que não foram socializadas à cultura de Terreiro – falo enquanto uma pessoa que cresceu nessa condição –, é difícil conceber a ideia de que ali se constitui um espaço escolar. Também pode ser difícil imaginar que crianças façam parte desse território de maneira tão natural. Vanda Machado, em seu livro *Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira*, versa respeito da pesquisa empreendida com as crianças do Ilê Axé Opo Afonjá. Na obra, a autora faz a seguinte colocação:

Durante o estudo, pude constatar que a identidade dessas pessoas é o resultado de uma espécie de educação que poderia chamar-se “educação iniciática”. [...] Daí a importância de se defender a manutenção da identidade cultural das crianças do terreiro. Preservá-la é considerar como condição fundamental para ancorar a aprendizagem sem violentar o universo simbólico primordial da criança. Ao que parece, essa pode ser uma condição básica para formar condutas geradoras de novas ideias, novos conceitos. (2019, p 56).

A pesquisadora toca em um ponto importante ao falar sobre a “manutenção da identidade cultural das crianças de terreiro”. É desejável e urgente levar em conta o universo simbólico primordial da criança para que a socialização fora dos Terreiros não ocorra de maneira violenta e colonizadora. Sem violentar esse “universo simbólico primordial”, geramos uma condição básica para novos devires, novas condutas e práticas necessárias para a construção de uma sociedade mais justa e comprometida em reparar as mazelas produzidas pelo sistema colonial.

O que Vanda Machado chama de “educação iniciática” também pode ser encontrado nas palavras de Allan da Rosa, no livro *Pedagogia: autonomia e mocagem*. Nele, o professor diz a respeito desse caráter “iniciático” da cultura negra a partir das experiências cotidianas. Essas experiências, através dos mais velhos, são passíveis de serem absorvidas enquanto conhecimento essencialmente vivo. Sendo assim, a experiência vivida, a interação com o espaço e seus indivíduos, vem a ser a própria iniciação.

A cultura negra é uma cultura de iniciação e o saber iniciático, ao transmitir-se pelos mais velhos, difere da abstração de um conceito porque é plenamente uma força viva, associada ao Muntu, ao Axé, ao patrimônio comunitário. O conhecimento efetivo, pois depende da absorção de Axé. O mestre não ensina, ele inicia, cria condições para a aprendizagem que inclui o indeterminado, apresenta repertórios gestuais e materiais às vezes até mesmo limitados, mas que se formam em combinatórias absolutamente abertas, infinitas e variáveis. Sair de si e entrar em si, iniciação aos segredos do mundo. Experiência é iniciação. E a cultura afro-brasileira é uma cultura de experiência, de liberdade de ação, de presença, mobilidade e de proposta de troca, de penetração nas formas e ritmos. (ROSA, 2019, p. 61)

O Terreiro, através das experiências que proporciona, ensina muito. Ensina para além da cultura particular dos Terreiros, como os conhecimentos acerca da natureza e a própria manipulação do Axé. Ele ensina arte, como demonstrei através da minha própria vivência, ainda no início. Ensina, também, formas de se articular politicamente, uma vez que, este território vem a ser um modelo organizativo nos âmbitos econômico, social e político, também demonstrado anteriormente.

Certa vez, em uma palestra, Mãe Nice, tocou no assunto sobre ser convidada a se candidatar a cargos políticos no município de Jaguarão. Ela falou sobre o desconforto que sente ao se imaginar nesse lugar. Explicou que apesar de ser muito importante que pessoas de Axé estejam nesses espaços, defendendo os direitos dos povos de Terreiro, o jeito dela fazer política era outro, era no dia a dia do barracão¹⁷. “Meu partido é Xangô!” disse com convicção, nunca me esqueço. E é assim que ela nos ensina, no dia a dia, independentemente da idade, a sermos políticos, no melhor sentido do termo. No relato de Makota Valdina a respeito de sua vivência no Candomblé quando criança, podemos notar como a organização política é algo natural e intrínseco às vivências no Terreiro:

– [...] nessa minha infância também, mesmo sem eu ser da religião, da pratica do Candomblé, mas minha mãe era, e a gente vivenciava tudo. Tudo isso fazia parte do viver, não tinha aquela coisa de você não, você vivia aquilo. E marca, ta impregnado em você, é você. Então, eu sou fruto disso, eu sou fruto disso aí, eu sou fruto de ações que hoje eu digo ué, eu aprendi a fazer política, ser política, não política partidária, mas a fazer política mesmo, coisa coletiva, lá. Ali, quando se juntava pra e não tinha saber o que era asfalto, não tinha transporte, não tinha nada, o transporte lá era carroça. Mas quando se juntavam as pessoas pra melhorar os degraus né, as escadas da ladeira que era tudo

¹⁷ Forma como chamamos o Terreiro.

terra e quando chovia vinha a enchorrada, aí tinha aqueles dias de juntar todo mundo pra fazer aqueles mutirões.” (Documentário Retrato da Mestra Makota Valdina¹⁸ – 15m29, 2018)

Tássio Ferreira, sintetiza de maneira exímia a forma como se organizam os saberes e de que maneira eles são passados, circulados, entre a comunidade de Axé, Forma essa, que inspira a prática de sua Pedagogia da Circularidade. Nas palavras do autor:

No Terreiro nada está fora do Lugar, tudo faz sentido e tem uma forma de ensinar. Esta perspectiva de imersão no mundo natural e deste retirar todo o conhecimento necessário para a vida é o que inspira a Pedagogia da Circularidade. Sobretudo, no que toca a desierarquização dos modos de encontros destes conteúdos, por assim dizer, que não seguem uma cronologia, nem uma hierarquia social. Se aprende sobre tudo a todo o tempo e a construção do nzailu [conhecimento] é o que cada um organiza em seus registros pessoais a partir de uma experiência. Deste modo, o conhecer está ligado à vida: processo democrático e diferenciado. E graças a diferenciação dos modos de aprender, escutando a natureza pelo corpo, teremos multiplicidades e aprofundamentos acerca de um tema específico. E, assim, as relações de aprender e ensinar se estabelecem, automaticamente, sem a necessidade de um

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FAc4CJr4qtM> <acesso: 05/03/2023>

dispositivo hierarquizante que determine o que aprender primeiro. Sem a obrigatoriedade de um filtro radical dos conteúdos que separa o seu corpo e a sua mente do processo cognitivo. Aprender é condição natural. O corpo é via de entrada que reitera a noção de aprendizado que está além da dimensão intelectual. Nas comunidades tradicionais afrodiaspóricas o sistema de aprendizado não se constrói como instituição. Ele é a ação performática que se institui e reconstitui, faz e desfaz, sem que se tenham claramente o desenho do início e do fim, circulando, permitindo a visibilidade de todos. Ensina-se porque se vive, porque é da necessidade das comunidades tradicionais afrodiaspóricas trocar experiências. Normalmente estas experiências vêm dos mais velhos, compartilhando saberes com os mais novos, num tempo que é organizado em ciclos, de acordo com seu percurso religioso. (FERREIRA, 2021, p. 91-92)

Toda e qualquer experiência vivida no Terreiro e/ou mediada por um mais velho, em-sina. “Vivendo e aprendendo” pode parecer uma frase clichê, mas, na realidade, é sabedoria e método ancestral. É a partir das experiências vividas, que a vida oferta as mais diversas formas de absorção de conhecimento. Desses conhecimentos cotidianos repassados pelos mais velhos, os mais novos vão construindo um arsenal de saberes essenciais para a manutenção dessa cultura baseada na oralidade. Saber ouvir, portanto, é primordial na formação dos indivíduos pertencentes do Terreiro.

No documentário *Meu tempo é agora: 100 anos do Ilê Axé Opô Afonjá*¹⁹, um dos mais antigos Terreiros no Brasil (o mesmo Ilê onde Vanda Machado empreendeu sua pesquisa), encontramos uma riqueza de detalhes a respeito da resistência dessa instituição fundada em 1910. Uma casa matriarcal, que a cada geração, foi liderada por grandes mulheres que, com sabedoria, deram e dão conta de sua continuidade e expansão. No momento da produção do documentário, Mãe Estella de Oxóssi ainda nos acompanhava aqui no àiyé e era a Iyálorixá responsável pelo Opô Afonjá. Sobre a sua atuação, me chamou a atenção o seguinte relato pinçado da produção audiovisual:

– Mãe Aninha adorava criança, mas detestava traquinagem assim como era Mãe Ondina. Naquele tempo criança não tinha licença pra nada, era só bom dia, boa tarde, obrigada e acabou-se. Era muita gente acostumada com castigo físico e que seguiu batendo nos filhos pra educar. Também, um povo nascido na escravidão ia aprender o que não é mesmo? Mãe Estella tem um jeito diferente com as crianças, ela não foge dos antigos ideais, mas recebe a menina, senta, conversa e isso eu nunca tinha visto antes aqui. Ela sabe que a disciplina é fundamental pra manter a estrutura da casa, do aprendizado e que sem tudo isso não se consegue passar o ensinamento em frente. (Depoimento de Egbomi Detinha, documentário *Meu tempo é agora* – 13min)

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zLsauOqavAM> <acesso: 05/03/2023>

Noto como Mãe Estella de Oxóssi colocou as crianças de seu ilê em uma posição de importância, mudança percebida com bons olhos pela mais velha Egbomi Detinha. Gosto desse relato pois demonstra como uma casa de axé também segue em constante transformação, afinal, manter a tradição não quer dizer que tudo será exatamente do mesmo modo. A própria expressão “Meu tempo é agora”, que dá nome ao documentário e, também, ao livro de Mãe Estella, versa a esse respeito. “Meu tempo é agora” demarca a preocupação com o tempo em que se vive no presente, pois, é o que fazemos com o nosso momento presente que irá ditar os rumos do futuro. Daí a importância e a beleza na forma como Mãe Estella olha para as crianças, enquanto continuidade das ações empreendidas no agora.

Vejo muita semelhança na forma como Mãe Nice nos ensina a tratar os pequenos. No Ilê, uma coisa que sempre escuto é que Terreiro sem criança é sinal de perigo porque a criança é justamente uma nova vida, pura, ainda em sua potência máxima; e como bem expresso no conto Ayoluwa, a alegria do nosso povo, de Conceição Evaristo (2005), sem criança não se prospera. Elas são nossa continuidade. E quem melhor para espantar a morte promovida pela colonialidade se não a vida em sua potência máxima?

[...] a continuidade da vida enquanto possibilidade – resiliência e transgressão – é produzida pelas populações que foram subordinadas a esse regime a partir das vias de encanto. Assim emerge a dimensão do culto à ancestralidade, à metafísica e às tecnologias macumbísticas que forjam um arsenal de ações descoloniais que vitalizaram/vitalizam as formas de invenção e continuidade nas frestas. (RUFINO, 2019, p.68)

E por falar em criança socializadas com o Terreiro, o ano em que me aproximei da primeira criança do Ilê foi em 2016. A mais nova e também mais extrovertida neta de Mãe Nice, Rafinha, como costuma ser

Figura 6 – Rafaela me mostrando o processo de seu desenho enquanto eu escolhia milho na cozinha do Ilê.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

chamada, na época estava com 4 anos. Ela por si só é um furacãozinho que movimenta tudo e todos a sua volta. Vive inventando brincadeiras manuais, construindo coisas e ama mexer nos tecidos e miçangas que a avó utiliza na confecção dos axós. Extrovertida que é, não demorou muito para iniciar uma interação:

- Olha que lindo o meu desenho! Sabe quem é? É a mamãe Iemanjá, o santinho da minha mãe. E olha o que a Isa fez, é a mamãe Oxum. - *e num tom mais baixo de como quem conta um segredo continuou* - A Isa sempre desenha a mamãe Oxum porque é o santinho dela!

Nesse dia, Rafinha me apresentou à sua irmã mais velha, Isabella, e aos desenhos que faziam juntas naquela tarde. Não por coincidência - não acredito nela -, ambas acabavam de desenhar justamente Iemanjá e Oxum, e, a partir da representação dessas deidades, foi estabelecido nosso primeiro contato. Desde o início venho demarcando a forte presença das águas de Iemanjá e Oxum na feitura dessa pesquisa.

A partir do impulso da pequena Rafaela, os momentos de compartilhamento de desenhos e até mesmo o ato de desenhar juntas passou a ser comum entre nós três. Nesse processo, muito aprendi sobre os signos, as representações e os arquétipos das entidades cultuadas ali. Isso porque, desde que as conheço, elas sempre gostaram muito de falar sobre suas criações. E a avó, sempre instigou as netas com mais informações e perguntando a elas sobre conhecimentos já passados. Maneira de estimular que elas falem sobre os conhecimentos já absorvidos anteriormente.

Anos depois, ao revisitar essas memórias com as pequenas tive um estalo. Na religião, o ponto, a cantiga ou a reza que se canta é ferramenta-mecanismo-tecnologia utilizada para se saudar, assim como, invocar uma entidade. De modo que, nessa situação com as crianças, o desenho age fenomenologicamente de maneira semelhante, uma vez que há o movimento de saudar/representar uma entidade. Se trata, portanto, da incorporação de um saber a partir do ato de desenhar.

Desde então, noto a arte se manifestando como o *ponto* que evoca o cruzamento das dimensões do sagrado e do poético a partir da incorporação das cosmos-percepções afro-brasileiras no processo de criação.

Esta é a encruzilhada que delimitou a pesquisa em desenvolvimento:

a) As vivências estéticas e artísticas as quais fui exposta a partir do momento em que me mudei para sul do Sul e passei a vivenciar a cultura de Terreiro.

b) Os desenhos, a poética, a representação do imaginário da criança de Terreiro como reivindicação de sua ancestralidade.

Isabella e Rafaela despertaram minha criança adormecida. E, o que antes se manifestava timidamente nos cantos dos cadernos, de repente, emergiu com força e transbordou. Quando me lembrei da relação que tinha com o desenhar na infância, percebi que era meu desejo olhar com mais atenção para a subjetividade produzida pelas de crianças daquele Ilê. Diferente delas, não fui uma criança de Terreiro, contudo, a partir do momento em que passo a frequentar aquele território, volto a ser criança. Uma criança mais nova que Isabella e Rafaela, diga-se de passagem, pois no Axé, sou ainda recém nascida, e elas, minhas mais velhas.

A educação de axé reivindicada pelos praticantes das comunidades de terreiro opera como uma espécie de educação intercultural, que vincula a experiência social do terreiro, balizada em tradições, com o restante do mundo. Nesse sentido, essas experiências revelam um modelo de educação, modo de sociabilidade orientado pela organização comunitária. O que lanço como perspectiva de pensar educação como axé inspira-se nessas experiências, dialoga com as mesmas, mas mira o alargamento do terreiro para pensar o mundo. Ou seja, não é necessariamente trazer as formas já codificadas nos terreiros como opções, mas reivindicar a disponibilidade conceitual do axé para a produção de outros caminhos, estes encruzados. (RUFINO, p.69-70)

O que era algo pequeno e singelo como uma nascente de rio, começa a partir daqui, a ganhar corpo. As experiências cotidianas revividas através da memória são mais do que fonte de inspiração pro desenvolver da presente dissertação. Elas, as memórias das vivências experienciadas, são pontos de entrelaçamento no tecer da pesquisa, e, sobretudo, tecnologia ancestral que encarno também como recurso metodológico na construção do corpo-texto-leito de pesquisa. Partindo deste ponto, nessa pesquisa-ação não faço o uso do

tradicional caderno de campo (muito utilizado em estudos de caso). Aqui, a escrita se dá a partir do efeito do campo que incide na memória, e não de seu registro em caderno.

Por se tratar de uma pesquisa cíclica, na qual realizo esse movimento de pensar-agir, numa ação necessariamente circular, parto do princípio Exusíaco, de que, no inacabamento, experimenta-se a constante possibilidade de reinvenção. Esse movimento se caracteriza como o método de Pesquisa-Ação. Diferente do Estudo de Caso, na metodologia por mim utilizada, há a interferência mútua do sujeito que pesquisa e dos participantes do campo. Isto é, da mesma forma que interfiro na realidade pesquisada, igualmente os sujeitos interferem no meu pesquisar, fazendo com que os ciclos de reflexão e ação sejam permeados por trocas profundas e, principalmente, práxis transformadora.

Com o método Pesquisa-Ação, o pesquisador assume como premissa que processos sociais complexos são melhores investigados quando se introduzem mudanças e se observam os efeitos dessas mudanças. [...] A Pesquisa-Ação é conduzida num processo cíclico de agir e refletir criticamente sobre as ações: o pesquisador fazendo uso de seu conhecimento teórico-científico e os participantes do seu conhecimento prático” (BUNDER; BARROS, 2019, p.1563-1564).

Partindo desse entendimento, a metodologia de escrita e do fazer no campo perpassam necessariamente por um saber-pensar “nosso”. Aquele “jeito nosso” que os mais velhos ensinam constantemente. Por isso, exercito o giro sobre si a partir da Pedagogia da Circularidade de Tássio Ferreira (2021), me inspiro nas em-sinagens de Vanda Machado (2019), gingo no tempo da Pedagogia de Allan da Rosa (2019), abro caminhos com a Pedagogia das Encruzilhadas de Luiz Rufino (2019). Nesse Xirê conceitual

(PIEDADE, 2017), esses são os principais acadêmicos que *orientam* meu pensar e fazer. Aqui saúdo o Orí de cada um e agradeço o axé de fala materializado em potentes escrituras (EVARISTO, 2006), nesse “jeito nosso” de fazer ciência.

Tomando os escritos citados como inspiração e pensando junto com Iyá Nice, foi materializado uma proposta que buscou justamente criar condições de aprendizagem através da arte e da vivência no Ilê, tendo como foco as crianças do Terreiro. Contudo, nesse período, vivíamos o auge do isolamento social em detrimento da pandemia de Covid-19, o que nos fez, em um primeiro momento, realizar uma ação apenas com suas netas, já citadas aqui. Já que ambas, apesar da pandemia, seguiam frequentando o Terreiro que também é a “casa da vovó”. Enquanto as demais crianças, assim como os adultos, viviam afastados fisicamente do Ilê em respeito ao período de isolamento.

Nesse contexto todo, nasceu o ciclo de oficinas: Despertando orixalidades: arte e memória ancestral. O principal exercício foi propor o deslocamento do olhar das crianças para as miudezas do Terreiro e seus saberes iniciáticos, reivindicando os conhecimentos vividos pelos próprios “corpos/bibliotecas”. Esse movimento de instigar a percepção das crianças para detalhes da vida cotidiana do Barracão, foi percebido por Mãe Nice como um *despertar da orixalidade* através da memória ancestral que está sendo revivida ali, e foi daí que surgiu o nome dado para as oficinas, assim como o título da dissertação.

Para as pessoas de axé, a experiência, o testemunho do corpo carregam consigo tanta precisão e complexidade que talvez seja difícil o registro em palavras. Por isso, aprender uma reza, por exemplo, com a presença de um mais velho cantando, vai ter não só o *ngunzu* (força) de quem está ensinando, como a história por trás da reza, sua utilidade. O Corpo/biblioteca estará ali, para diálogo e

aprofundamento do que se aprende. Além disso, as forças sagradas estão presentes, auxiliando até mesmo a travessia da formação de um pretenso iniciado no Terreiro. (FERREIRA, 2021, p. 89)

Ou seja, o que fiz foi me utilizar de uma ação já praticada no Terreiro, acionando as memórias registradas nos corpos sob a forma de conhecimento, me utilizando daquele universo simbólico primordial para criar motivação para a aprendizagem significativa.

Posteriormente, em um contexto pós-pandêmico, desenvolvemos uma outra ação com as crianças a qual demos o nome de Sábado da Ibejada. Diferente a ação anterior, essa ocorreu em apenas um dia, contudo, contou com três oficinas distintas que se complementavam. Foram momentos de muitas experimentações e trocas mútuas, então, vamos por partes. Nos próximos dois capítulos, encontram-se cronologicamente as vivências em uma narrativa textual e visual.

Oni Ibejada! Salve as crianças!

_____despertando orixalidades: arte e memória ancestral_____

O primeiro passo foi a construção de um caderno de artista. Enquanto demonstrava e executávamos juntas as etapas de encadernação artesanal, introduzi na conversa um dos preceitos fundamentais de uma Casa de Axé: *Kò sí ewé, kò sí Òrìsà* (Sem folha não tem Orixá). Partindo deste fundamento, dialogamos sobre a importância do respeito e a preservação da natureza nas atitudes mais simples do nosso cotidiano. As folhas de papel foram ponto de partida desse pensamento, pois, dada a nossa convivência, eu já sabia que o desperdício de papel era um péssimo hábito a ser enfrentado. Por isso, conversamos sobre o longo caminho percorrido até que uma árvore se tornasse uma daquelas folhas de papel.

Associar o cuidado da natureza, que é preceito do Terreiro, com atitudes “aparentemente isoladas” funcionou muito bem. A partir daquele momento uma passou a “fiscalizar” se a outra estava desperdiçando os materiais, principalmente as folhas sulfite.

- Não pode ter desperdício porque os Santinhos ficam tristes, né, Karina? - Dizia Rafinha.

Das coisas que falei, o que percebi ter sido extremamente positivo foi quando afirmei que iríamos confeccionar nossos “cadernos de artista”. As palavras geraram muita animação e ao terminarmos a encadernação, Isabella, de 8 anos, encheu a boca com orgulho pra dizer:

- Quando terminar, eu vou expor essa obra de arte pelo mundo!

Figura 7 – Rafaela confeccionando a capa de seu caderno de artista



Fonte: Jose Kler, 2021

Figura 8 – Fim do primeiro dia de oficina



Fonte: Jose Kler, 2021

Figura 9 – Cadernos de artista confeccionados na oficina



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 10 – Oxumaré, 15x20, de Isabella



Fonte: Acervo pessoal, 2021

No segundo dia, a proposta foi escolher algum elemento do Terreiro e, a partir dele, fazer sua própria criação. Elas tinham à disposição lápis de cor, canetinhas, tecidos, tintas, folhas e flores secas. Propus que experimentássemos ao máximo as possibilidades com aqueles materiais, fazer o que nunca tinha feito. Isabella olhou para o quarto de Santo e escolheu como referência um quadro de Oxumaré.

Enquanto ela iniciava seu processo, íamos conversando e rememorando juntas o que sabíamos sobre aquele Orixá. A transformação, o movimento e a natureza dualística são suas grandes características. Seus elementos são o arco-íris e a cobra. Suas cores são o verde e o amarelo. Oxumaré é tido como um dos Orixás mais belos e sua saudação é *Arrobobi, Odara!*

Já Rafaela, acompanhando inicialmente a escolha da irmã mais velha, fez a cobra de Oxumaré. Depois, escolheu a imagem de Oxóssi, Orixá representante das matas, da caça e da fartura. Rei de Ketu também chamado de Odé. Sincretizado na umbanda como São Jorge na Bahia e como São Sebastião no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul. Contudo, quando estava terminando disse que não era mais Oxóssi, era a mãe-natureza.

Figura II – Oxóssi/Mãe-natureza, 15x20, de Rafaela



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 12 - Cobra de Oxumaré, 15x20, de Rafaela



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Seguido dessa repentina mudança de ideia, Rafinha me pegou desprevenida ao falar desanimada:

– Ah Karina, eu não quero mais desenhar os Santinhos, isso é chato e eu já sei deles... Eu quero fazer a pequena sereia!

Por alguns instantes isso me paralisou. De todos os desafios que eu imaginava enfrentar ao longo das oficinas, jamais passou pela minha cabeça que manter o interesse na temática seria um desafio. Uma vez que, elas realmente gostavam muito de desenhar “os Santinhos”. Percebi que instigar o tal movimento de libertação subjetiva atrelado às vivências no Terreiro seria mais difícil do que eu imaginava inicialmente. Contudo, naquele momento optei por deixá-las livres e apenas observar o que as interessavam no momento.

Rafaela, que tem uma facilidade natural com as manualidades, se empolgou com as sereias e princesas que queria tanto fazer. Já Isabella, mais insegura com seus traços, logo se frustrou por não conseguir fazer o que desejava e acabou desistindo da oficina aos prantos. Eu tentei de muitas formas contornar a situação, instigando que ela retornasse pra oficina, mas não teve jeito. Ela, depois de se frustrar com seu próprio processo, disse que nunca mais queria fazer aquilo porque ela era muito ruim.

Aquilo me doeu bastante, a dor e a frustração que ela sentia por não conseguir fazer o desenho que queria era bastante semelhante à minha própria frustração por não conseguir fazer com que aquele segundo dia de oficina saísse conforme o planejado. Tive que aceitar que aquele dia já havia sido de muitos ensinamentos para todas nós, independente do resultado inesperado.

Figura 13 – Sereias, 15x20, Rafaela



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 14 - Princesa boa, 15x20, Rafaela



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Confesso que o episódio me desestruturou. Sentia como se não estivesse chegando a lugar algum com aquelas oficinas. Naquele dia decidi que não dormiria no Terreiro. Inicialmente, acordei com Mãe Nice que eu dormiria no Ilê durante os quatro dias de oficina. Tomamos essa decisão a fim de evitar riscos em relação à pandemia. Ainda que eu não tenha permanecido lá, todos os protocolos e medidas de segurança foram tomados para manter as crianças em segurança.

Optei por não permanecer lá pois julguei necessário me distanciar da situação para pensar em tudo o que havia acontecido. Me sentia frustrada tanto quanto a Isa com o seu desenho. Tive vontade de desistir como ela e quando saí de lá, chorei como ela chorou. Senti que a minha permanência no Terreiro fazia com que elas não associassem que, naquele período da oficina, estávamos fazendo algo específico. Era como se pra elas, não houvesse hora pra começar e nem terminar, e isso influenciava muito na adesão delas ao que eu propunha. Elas precisavam entender que eu estava lá especialmente para realizar aquelas oficinas, e que se elas não fossem participar, eu não tinha motivos para estar lá naquele momento.

No dia seguinte, cheguei no Terreiro e elas me receberam animadas. Ufa! Que alívio! Meu primeiro medo de que elas não quisessem mais participar, felizmente, não se concretizou. Quando cruzei pela porta de entrada, elas haviam arrumado a mesa com todos os materiais e me esperavam ansiosas para aquele dia.

Eu sabia que precisaria de malandragem pra contornar a situação do dia anterior, mudar a estratégia na ginga foi necessário. Eu sentia a necessidade de ser sincera com as meninas em relação aos meus sentimentos. Por isso, mesmo percebendo a animação delas, entrei no salão sem dizer uma palavra, vesti minha saia branca, acendi uma vela no quarto de Santo e bati minha cabeça. Elas me esperavam com os materiais a postos, me olhando com olhinhos ansiosos, olhei profundamente para elas e então lancei a pergunta:

- Vocês sabem por que eu estou aqui? - *Sem dar tempo para que elas respondessem, continuei* - Eu estou aqui propondo que durante duas horas, nós exercitemos a presença no nosso próprio corpo. Sabe por quê? Porque a gente passa muito tempo olhando pras telas, assistindo coisas que não falam sobre a gente, que não se parecem com a gente, que não contam as nossas histórias, que não nos representam.

Elas permaneceram em silêncio e me ouviam com especial atenção. Atenção esta, que não recebi nos dias anteriores. Ali senti que fazíamos progresso. Continuei falando. Compartilhei a minha tristeza ao sair do Terreiro no dia anterior. Falei sobre frustração, um sentimento difícil mas que precisamos aprender lidar. Propus que antes de iniciarmos a oficina, respirássemos fundo e que toda vez que surgisse algum sentimento que nos tirasse do eixo, esse era o recurso que utilizaríamos para nos estabilizar novamente. Respirar fundo, sentir o ar que está fora, indo pra dentro e depois saindo pra fora de novo. Elas já ouviram muitas vezes entidades daquela casa falando sobre a importancia de respirar, principalmente em momentos de desespero, apenas relembrei.

Essa ação de entrar, vestir a saia, ascender uma vela, bater a cabeça e o simples fato de respirar fundo, foram ritualísticas necessárias para que elas olhassem para aquele momento de maneira diferente. Inclusive, Tássio Ferreira fala a esse respeito, de ritualizar a educação inspirado nos movimentos cotidianos do Terreiro. Essa é a Pedagogia Circular.

Depois desse momento, as convidei para caminhar pelo salão do Ilê para que sentissem o espaço, as texturas, os cheiros. Para que olhassemos cada pedacinho. Enquanto fazíamos isso, lancei mais uma pergunta:

- Vocês sabem que lugar é esse?

- A casa da vovó - *responderam prontamente como se fosse óbvio.*

- Não. Aqui é o Reino de Xangô. Xangô e Oxum reinam aqui nesse Terreiro. Eu sou muito grata por eles me permitirem entrar aqui, olha que honra, eu to pisando em um reino de verdade!

- ai Karina, a gente já sabe essas histórias..

- Que maravilha! Pois tem um monte de gente que não sabe. Aliás, vocês só sabem porque elas foram passadas ao longo do tempo até chegar no Vô Nilo²⁰, que contou para a vovó, que contou pra gente. E ai, vocês vão deixar essas histórias morrerem com vocês ou vão passar a diante? Temos muitas maneiras de contar isso para além da fala. Podemos cantar, dançar, escrever, desenhar... é por isso que estou aqui. Estou convidando vocês pra desenhar essas histórias pra que elas não morram com a gente. Vocês querem? - *perguntei, no fundo, sentindo medo da resposta.*

Para meu alívio, quando falei que elas eram a continuidade das ações do Vô Nilo, houve uma grande motivação. Nesse dia, as criações das meninas foram completamente diferente dos dias anteriores. Rafaela desenhou Oxum e Yansã, me explicando:

-É a Oxum da Isa e minha Yansã, sabia que elas também são irmãs igual a gente?!

²⁰ Babalorixá Nilo D'Xangô.

Já Isabella desenhou o Xangô e a Oxum da vovó. Concluimos o dia pela primeira vez sem brigas entre as irmãs, sem choros frustrados e com muita alegria para o dia seguinte. Quando penso nesse momento, me vem à cabeça as palavras de Rufino, que afirma: “O desafio da brincadeira é libertar os diabos das garrafas, creio que os deixar livres nos aumentam as possibilidades de enfrentamento das demandas de nossos mundos” (2019, p. 35).

Ao olhar os desenhos, é nítido que uma drástica mudança ocorreu de um dia para o outro e para minha alegria, após a conversa que tive com as meninas, as narrativas do Terreiro se apresentaram de maneira natural em suas criações. Ali me senti finalmente conseguindo libertar esses tais diabos das garrafas. Os desenhos das entidades finalmente voltaram a aparecer, cheios de personalidade e com impulsos afetivos.

Figura 15 – Oxum e Yansã, 15x20, Rafaela



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 16 – Xangô e Oxum, 2021, 30x20, Isabella



Fonte: Acervo pessoal, 2021

No quarto dia de oficina, inicei da mesma forma que o dia anterior. Asci uma vela, bati a cabeça e iniciei conversando com as meninas. Disse da minha satisfação e alegria com os resultados do dia anterior, compartilhei minha felicidade em termos conseguido fazer toda a proprosta sem brigas, choros e desistências, e que esperava que seguissemos na mesma forma naquele nosso último dia.

Na sequência, rememorei a importância delas para a nossa continuidade, repetindo algumas das palavras do dia anterior. Em seguida, revelei que contariamos com a participação de Mãe Nice, que iria nos contar um Itan e que aquele era o momentos de nós, enquanto mais novas, nos sentarmos e ouvirmos atentamente o saber que nossa mais velha tinha para nos passar. E que só depois disso iríamos finalmente colocar a mão na massa.

Mãe Nice então assume a palavra e inicia servindo um alguidar de pipoca com coco no quarto de santo. Ao servi-lo, explica que aquela é a comida de Obaluayê, o Senhor da Terra, Orixá da cura, da saúde (Obá: rei, Olu: senhor, àiyé: terra). Em seguida inicia acontação do itàn de Iemanjá e Obaluayê. Durante a contação, minha madrinha de religião, Aline D'Oxum, vestida com os adês do Orixá masculino, apareceu de surpresa para as meninas.

Enquanto Mãe Nice contava o itàn, Rafaela pegou uma boneca e começou a vesti-la de Iemanjá, utilizando os retalhos que estavam disponíveis. Já Isabella esperou a avó concluir a história e depois, optou por seguir com seu caderno de artista. Ela, utilizando majoritariamente colagens de tecidos e palha da costa, fez a representação de Iemanjá e Obaluayê, seguindo a narrativa que ouviu. Enquanto as meninas trabalhavam em suas criações, servimos como lanche porções de pipoca, e, Isabella, sabendo que essa era a comida do Orixá o qual estava representando, colou algumas pipocas esmigalhadas em sua criação dizendo que o ele havia recebido o ebó – oferenda – que havíamos servido lá no inicio.

Figura 17 – Mãe Nice mostrando a oferenda que ia servir antes de iniciar a contação do itàn



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

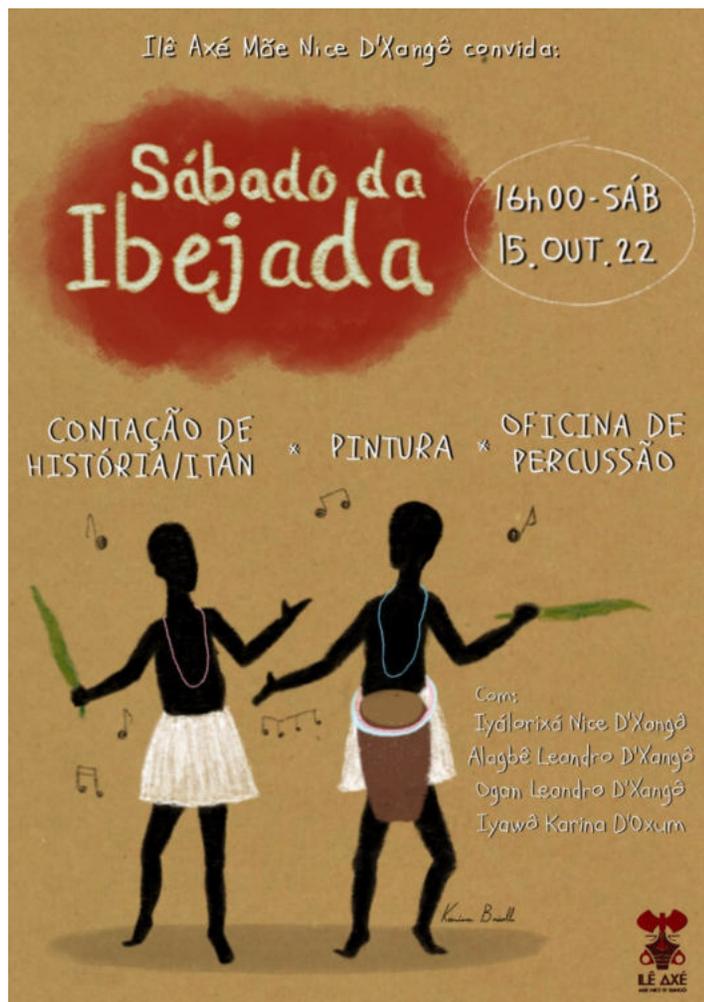
Figura 18 – Iemanjá e Obaluayê, 20x30, Isabella



Fonte: Acervo pessoal, 2021

_____sábado da ibejada_____

Figura 19 – Cartaz de divulgação da atividade.



Fonte: Acervo pessoal, 2022

O Sábado da Ibejada foi um dia dedicado para as crianças no Ilê Axé Mãe Nice D'Xangô. A ação veio a ser um segundo momento da parte de campo da presente pesquisa e ocorreu às 16 horas, do dia 15 de outubro de 2022, tendo sido programada enquanto uma atividade alusiva ao dia das crianças.

Além disso, o Sábado da Ibejada, marcou a volta das atividades na casa após um período de luto que se sucedeu devido ao falecimento de uma mais velha, também chamada de cabeça grande. É parte do preceito uma série de restrições serem seguidas em respeito à passagem que está sendo feita, do Àiyé de volta ao Òrun – do mundo físico para o mundo espiritual.

A ação ocorreu em um contexto de retomada pós pandemia, por esse motivo, foi possível divulgar a abertura da atividade para mais participantes. Assim, diferente do primeiro ciclo de oficinas, esse segundo momento contou com a participação de crianças que, inclusive, não frequentam o Terreiro, mas que, seus

responsáveis, por conviverem com membros da casa ou por acompanharem as redes sociais do Ilê, demonstraram interesse inscrevendo suas crianças na atividade.

A atividade foi divulgada demarcando a importância da inscrição para que não houvesse o risco de faltar material e nem o Ajeun (lanche) oferecido no final. Apesar do foco ter sido os pequenos, a atividade contou com a participação de adultos responsáveis pelas crianças e também, membros da casa que ajudaram nos preparativos da ação e ficaram para prestigiar as oficinas.

A atividade foi dividida em quatro momentos:

- 1) Contação de história/Itàn com Mãe Nice
- 2) Oficina de pintura comigo
- 3) Oficina de percussão com o Àlágbé Leandro D’Xangô e Ogan Leandro D’Xangô
- 4) Ajeun – o lanche.

Mãe Nice escolheu contar um itàn de origem Bantu que fala sobre a criação do N’goma – tambor -. Ela se baseou a partir do texto escrito pro Luiz Antonio Simas, que compõe a faixa *Tambor, o senhor da alegria*, do álbum Assim tocam os meus tambores, de Marcelo D2.

Tambor o Sr. da Alegria

*Os mais velhos dizem que um dia, cansado da solidão do poder
Zambiapungo, o Ser Supremo dos cultos angolo-congoleses
Foi tomado pela tristeza e cogitou desistir da criação do mundo*

*Os inquices, seus filhos, resolveram alegrá-lo para que a criação não fosse interrompida
Katendê, o Senhor da medicina da floresta, macerou as folhas e preparou um banho para refrescar Zâmbi
Zaratempo criou as estações do ano*

*O calor do verão, os dias amenos do outono, o frio do inverno e as floradas da primavera
Matamba, a dona do balé espantoso dos relâmpagos, foi a próxima a tentar alegrar o Pai maior
Vunji trouxe as crianças, que começaram a dar cambalhotas e subir nas árvores
Angorô inventou o arco-íris depois da chuvarada*

*Gongobira coloriu os rios com peixes coloridos
Dandalunda mostrou a força das cachoeiras
Mutalambô caçou um pássaro gigante com a sua destreza de flecheiro
Nkosi forjou ferramentas diversas
Lembarenganga preparou um cortejo de pombas, cabras e caramujos
Zâmbi agradeceu o esforço dos inquices, mas continuou triste
Finalmente restava Zazi, o Senhor do fogo
Saberia ele de alguma coisa que pudesse acabar com o banzo do Pai?
Zazi consultou o oráculo para saber como alegrar Zâmbi
Seguindo as ordens do adivinho, sacrificou um bode branco
Retirou a pele do bicho e repartiu a carne entre os inquices
Em seguida, usou o fogo para tornar oco o pedaço de um tronco seco da floresta
Sobre uma das extremidades do tronco, Zazi esticou o couro do animal e inventou
Ngoma – O primeiro tambor
Zazi começou a percutir o couro com toda a força e destreza
Aluvaiá, aquele que os iorubás conheciam como Exu
E os fons como Legbá
Gingou ao som do tambor de Zazi
Em seguida, todos os deuses do Congo
Ao batuque sincopado do Ngoma
Fizeram a primeira festa na manhã do mundo
Zambiapungo alegrou-se com o fuzuê
E deu a Zazi o título de Xicarangomo
Expressão oriunda do Quicongo Nsika + Ngoma = O tocador de tambor
E anunciou que a criação não iria parar
Que viessem crianças, mulheres e homens para escutar Ngoma
Cantar, dançar e alegrar a vida
É por isso que os bacongos dizem que Ngoma
O tambor, será o pai de todos os que transgridam a dor em desafios de festa e liberdade
Sua benção, Ngoma, nosso pai tambor!
Nós estamos no mundo para celebrá-lo!*

Marcelo Maldonado Peixoto / Luiz Antonio Simas

Essa história, por ser de uma raiz distinta da nossa, que vem do povo yorubá, abriu espaço para que falássemos das diferentes raízes que a religião possui. Desse modo, Iyá Nice, antes mesmo de falar do itàn, falou sobre os antigos Impérios africanos e sobre a diáspora. Tentamos encontrar algum material ilustrativo e mapas das divisões geográficas dos Impérios e seus respectivos povos para utilizar como recurso visual, porém, tivemos dificuldades em encontrar. Então, para não ficar só nas palavras, Iyá me pediu que eu desenhasse em uma cartolina a silhueta do continente africano e em outra a silhueta do Brasil, Rafinha me ajudou nessa tarefa antes da oficina ser iniciada.

Mãe Nice colocou as cartolinas no chão, aos pés do pilão de Xangô. Em frente ao pilão, estava posicionado um atabaque, acompanhado do Àlágbé Leandro D'Xangô e do Ogan Leandro D'Xangô. Mãe Nice convidou todos que estavam ali no salão para que se sentassem em roda, fechando um círculo em volta dos mapas e do pilão. Ela, antes de se sentar, foi até o quarto de santo, pegou uma imagem de Xangô, a colocou em cima do mapa do continente africano e iniciou a oficina.

Quando começou a contar o itàn, citava os Inquices da história, seus feitos e também falava dos Orixás que correspondiam a eles. Por exemplo, ao falar de Zambiapungo ou Nzambi, explicava que pra nós, seria Olorum ou Olodumaré. Assim como Mutalambo, era Odé ou Oxóssi, Zazi, era Xangô e assim por diante. Foi um momento muito rico, onde era nítido perceber o interesse não só das crianças, mas como dos adultos que estavam presentes, inclusive, os que fazem parte do Terreiro.

Figura 20 – Registro da oficina de contação de itàn



Fonte: Jose Kler, 2022

Figura 21 – Registro da oficina de contação de itàn



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Figura 22 – Registro da oficina de contação de itàn



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Foi uma forma diferente de ampliar repertório de referências que possuímos. Em nossa casa, apesar da raiz Nagô, há em nossa genealogia ligações com o Candomblé Angola e, portanto, também cantamos muitas rezas de origem Banto. Assim, ao explicar que Zazi corresponde a Xangô, quem não sabia disso, pode fazer a associação ao momento no xirê, quando cantamos pra Xangô a reza “ô zazi ê, o zazi a”. É assim que funciona a Pedagogia nos Terreiros. São oportunidades de aprendizagem que, quando mais se vive as experiências naquele território, mais conhecimento se imprime no corpo-memória.

Figura 23 – Registro da oficina de contação de itàn



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

As crianças foram muito participativas e corresponderam positivamente aos estímulos feitos por Iyá Nice. Quando ela concluiu, me passou a palavra. Percebi a ansiedade delas em colocar logo a mão na massa, por isso, preferi explicar a proposta antes de trazer os materiais, pra evitar qualquer dispersão devido a empolgação de alguns. Então fiz o convite para que, inspirados pelo itàn que havíamos acabado de ouvir, criássemos uma grande pintura coletiva. Sugeri que

cada um escolhesse algum elemento que apareceu na história para representar e deixei demarcada a importância de trabalharmos coletivamente, já que iríamos dividir todos os materiais, inclusive, usaríamos o mesmo papel. Enquanto eu organizava os materiais com a ajuda de algumas irmãs, Mãe Nice pegou um cesto cheio de balas que estava no quarto de Santo e distribuiu para os presentes.

Foi muito satisfatório ver a empolgação das crianças quando começaram a pintar e, também, a forma como interagiram entre si, dividindo os materiais e conversando sobre seus processos individuais. Notei que a afetividade que nutrem em relação a determinadas entidades, assim como no primeiro ciclo de oficinas, apareceu novamente. A maioria delas escolheu representar Orixás os quais já estão mais familiarizados.

Figura 24 – Mãe Nice oferecendo balas aos presentes



Fonte: Jose Kler, 2022

Figura 25 – Registro da oficina de pintura



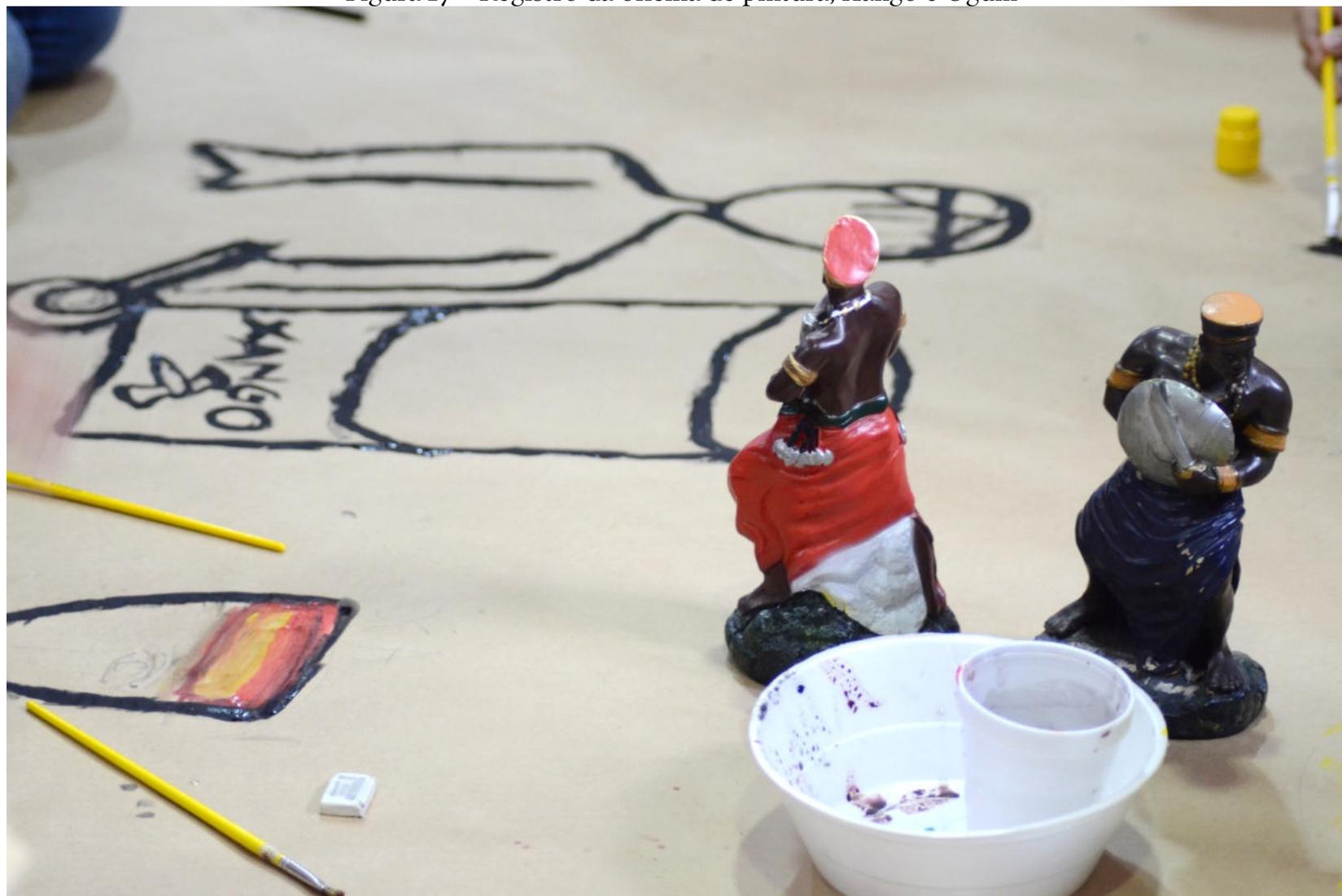
Fonte: Jose Kler, 2022.

Figura 26 – Registro da oficina de pintura



Fonte: Jose Kler, 2022

Figura 27 – Registro da oficina de pintura, Xangô e Ogum



Fonte: Jose Kler, 2022

Figura 28 – Registro da oficina de pintura, imagem de Oxum



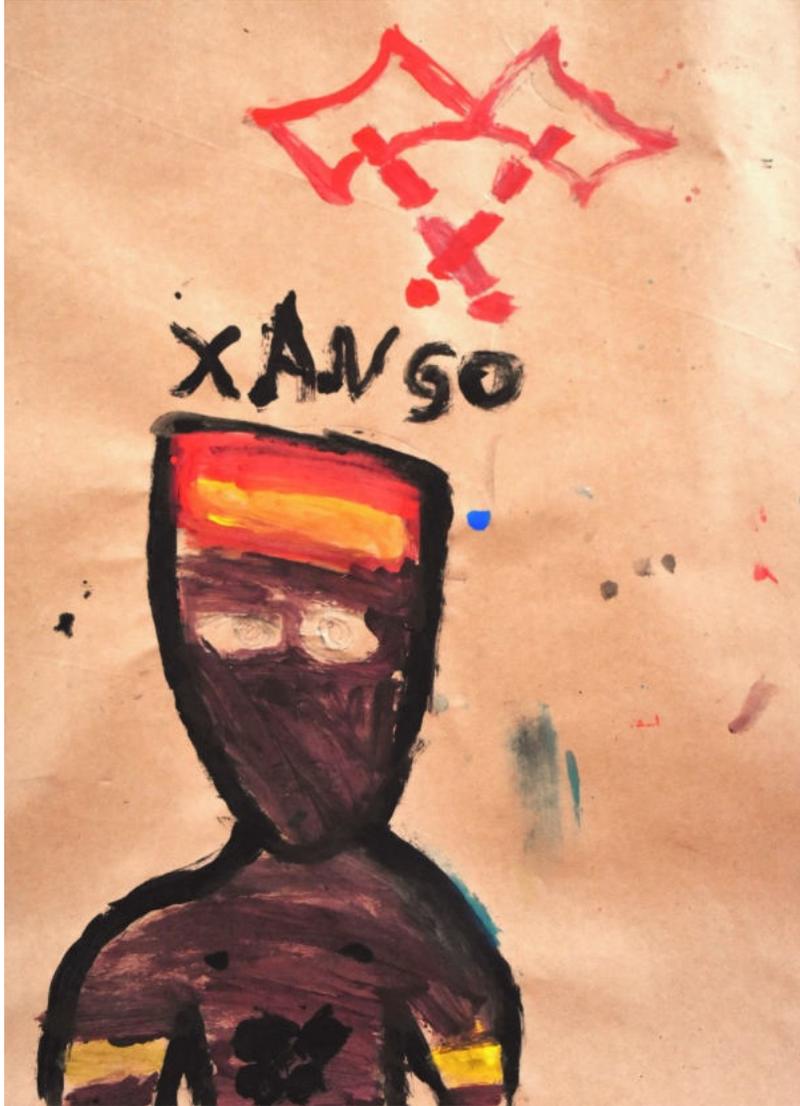
Fonte: Jose Kler, 2022.

Figura 29 – Registro da oficina de pintura, Yasmin pinta Oxum



Fonte: Jose Kler, 2022.

Figura 30 – Xangô, por Lucas



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

A imagem de Xangô que havia sido colocada ao centro da cartolina com a silhueta do continente africano foi reposicionada por Mãe Nice em frente ao Lucas, pois ela notou que toda hora ele se virava para olhar a imagem que estava seguindo de modelo. Lucas pediu ajuda para fazer a mistura de cores exata para chegar no tom marrom pois queria fazer uma pintura “raiz”, sendo fiel ao tom de pele da imagem de Xangô que utilizava como modelo.

Em seguida, Otávio pediu:

– Mãe Nice, a senhora pode pegar o Ogum pra mim? Eu queria fazer ele.

– Vovó, pega a Oxum pra mim? – *disse Isabella, aproveitando o embalo.*

Otávio, detalhista e meticoloso que é, acabou desistindo de fazer Ogum porque disse que seria muito demorado, e então, falou:

- Na verdade, eu vou fazer o tambor, que é o mais importante da história, né? - *exclamou todo orgulhoso da própria ideia.*

Eu notei que Yasmin estava meio insegura em começar sua pintura, por isso me sentei ao lado dela e comecei auxiliá-la. Ela disse que também queria fazer Oxum, então sugeri que ela iniciasse fazendo um rascunho/esboço, peguei o lápis e falei que essa parte ela podia rabiscar sem medo, que a tinta iria cobrir depois. No início ela demonstrou certo medo de errar, mas eu segui ao seu lado e fui fazendo junto os rabiscos iniciais. Não demorou muito pra que ela perdesse o medo e soltasse seus traços. Então deixei que ela seguisse de maneira mais autônoma.

Isabella que também pintava uma Oxum ficou incentivando bastante Yasmin e Otávio. Achei aquele gesto muito bonito e me surpreendi positivamente com a sua atitude. Nem parecia que aquela era a mesma menina que no primeiro ciclo de oficinas estava toda insegura e chorosa com seu próprio processo. Aliás, notei muita evolução em sua pintura, ela estava fazendo uso da cor branca pra dar o efeito de luz em sua criação. Fiquei muito orgulhosa do que via.

Lauttaro era um dos mais quietinhos, mas pintava com uma facilidade admirável. Ele escolheu fazer as machadas de Xangô. Maia, sua irmã mais nova, recebeu auxílio de sua Mãe, Mauren, que também me surpreendeu com sua destreza. Elas pintaram Oxum, depois uma árvore de Katendê/Ossain. Percebi que os três possuíam muita intimidade com os materiais, e o meu palpite é que isso está ligado intimamente ao fato deles serem uruguaios e da educação escolar lá oferecer uma formação distinta do que é comum no ensino público no Brasil. Mas, reforço, isso é apenas um palpite.

Figura 31 – Oxum, por Yasmin



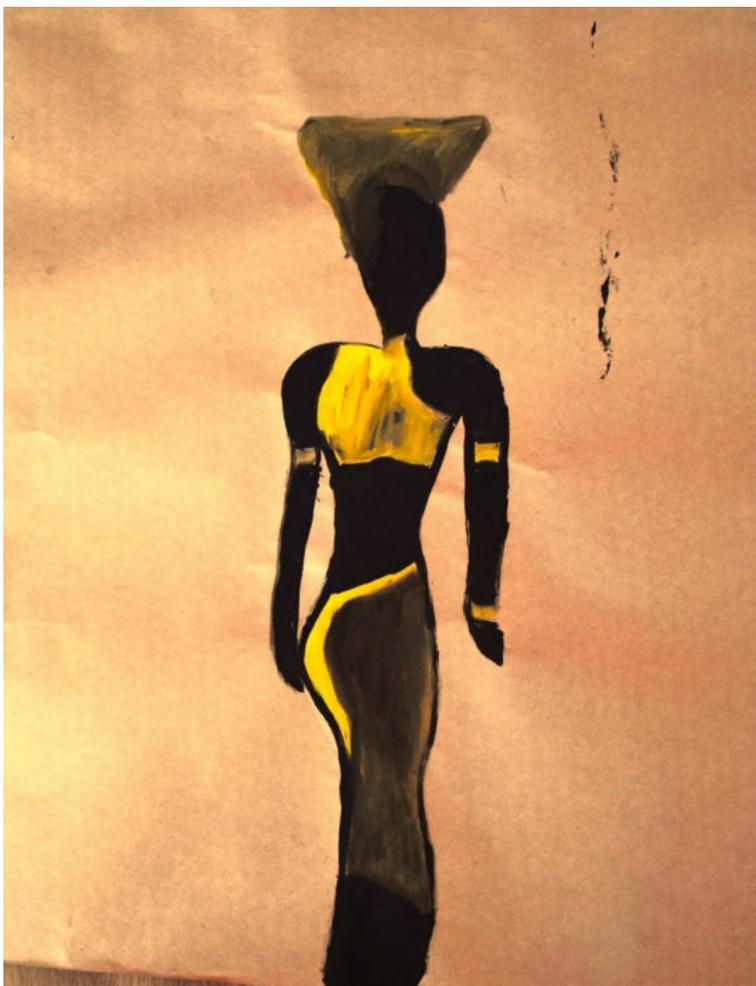
Fonte: Acervo pessoal, 2022

Figura 32 – Oxum, por Isabella, tambor/Ngoma, por Otávio



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Figura 33 – Oxum, por Maia e Mauren



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Figura 34 – Árvore de Katendê/Ossain, por Maia e Mauren



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Sebastian, recebeu ajuda de Aline D'Oxum, sua prima. Ele escolheu fazer arco-íris que Angorô/Oxumaré inventou pra alegrar Nzambi/Olorum, e também os peixinhos que Gongobira/Logun Edé criou para colorir os rios.

Figura 35 – Arco-íris de Oxumaré e peixinhos de Logun Edé, por Sebastian e Aline D'Oxum



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Por fim, Rafaela, iniciou a oficina pintando Yansã, mas não estava satisfeita com algo e acabou deixando a pintura inacabada e iniciou outra. Mãe Nice, observando isso, sentou ao seu lado e completou a

criação iniciada pela neta mais nova. Enquanto isso, ela pintava uma menina e uma árvore. Mãe Nice, ao perguntar quem era, recebeu como resposta:

- Ela é apenas uma menina comum. - *Disse com certa impaciência.*

Figura 36 - Iansã, por Rafaela. Machadas de Xangô, por Lauttaro



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 37 – Menina e a árvore, por Rafaela



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Iyayá me olha e diz:

– É, Olorum convidou a todos pra dançar no Xirê, né?

Achei interessante o diálogo que acabara de ouvir. Senti que aquele movimento de Rafinha, era como uma reivindicação da representação de si. Não era só sobre pintar os Orixás, mas de representar a interação das divindades com seu próprio corpo. Ela, criança nascida e criada dentro do Terreiro, vive essa conexão desde o ventre, logo, porque na hora de representar essa vivência em sua poética seria diferente? Talvez esse tenha sido o motivo da impaciência. Me senti provocada a repensar as atividades futuras.

As crianças foram concluindo suas pinturas e já guardando os materiais. Encerramos a segunda oficina do dia e sem mais delongas. Passei a bola para que, o Àlágbé Leandro D’Xangô e o Ogan Leandro D’Xangô, iniciassem a terceira e mais aguardada oficina

daquele dia. Também pudera, depois de ouvirem o itàn sobre a criação do Tambor/Ngoma, pintarem a partir da inspiração dessa história, elas iriam, finalmente, tocar o tambor com as próprias mãozinhas. Era um momento de muita alegria. Sem contar que, elas sabem da importância que o instrumento possui pro culto. Não é brincadeira não. Tocar o tambor é algo de muita responsabilidade, e não é à toa que, só quem recebe título de Ogan ou Àlágbé é que tem essa permissão. Era nítido nos olhinhos das crianças a empolgação e a honra de poder finalmente fazer isso.

O Àlágbé, iniciou explicando a diferença entre os três atabaques tradicionalmente tocados no Ilê. O *Rum*, que é o maior e mais grave. *Rumpi*, que é o médio, tanto no tamanho, quanto no tom. E o *Lé*, menor e mais agudo. Ele explicou que faz parte do preceito no Candomblé, o tambor só poder ser tocado por homens, enquanto que, na Umbanda não existia essa restrição.

As crianças estavam acomodadas em banquinhos e cada uma estava com um tambor de lata. Estes são os tambores que tocamos quando saímos para a rua, nas procissões e marchas. Com o *Rum* posicionado em frente dos pequenos, ele começou a tocar lentamente o toque de Ijexá. Ritmo muito popular no Brasil, oriundo da cidade nigeriana de Ilexá/Ilésà.

Figura 38 – Oficina de percussão



Fonte: Miguel D'Ogum (2023)

Enquanto o Àlágbé tocava o *Rum*, o Ogan acompanhava tocando agê, preenchendo ainda mais o som. As crianças tentavam reproduzir a mesma sonoridade e movimentos do Àlágbé. No início, parecia tudo uma grande bagunça, mas, os maestros continuavam ditando o ritmo e as crianças insistiam em acompanhar,

Figura 39 – Oficina de percussão



Fonte: Aline D'Oxum, 2022

muito concentradas. Naturalmente, conforme aquele movimento foi sendo repetido, os sons foram se harmonizando, e não demorou muito para que a sinfonia de tambores soasse de modo cadenciado.

Quando já estavam sincronizados, Leandro começou a puxar algumas rezas, incentivando que eles respondessem, mas era muita informação pra ser processada tão rapidamente. Eles precisavam de mais tempo para naturalizar aqueles movimentos todos. É algo que com a prática eles certamente irão aprimorar.

Ao final, fomos todos para a cozinha, onde foi servido um lanche. No Terreiro, é tradicional que depois de se encerrar os trabalhos, nos reunirmos para compartilhar o alimento, momento em que é servido o Ajeun, e nas oficinas não foi diferente.

Foi lindo ver a criançada recebendo toda aquela atenção, incentivo e cuidado. Não que elas não recebam isso cotidianamente, mas, existe hora pra tudo, e naquele dia, foi o momento de serem o centro e isso, notoriamente impactou na autoestima de cada uma de uma forma que era de encher os olhos.

Figura 40 – Oficina de percussão



Fonte: Jose Kler, 2022

_____considerações finais_____

Chegamos ao fim, que em realidade é apenas o meio, pois é continuidade. Como já demarcado, muito mais do que uma dissertação para a obtenção de um título, isso é fruto de ações iniciadas muito antes da minha existência nessa vida e que continuarão acontecendo mesmo quando eu não estiver mais aqui.

Tendo certa dificuldade em organizar minhas ideias para a construção dessas considerações, decido retornar à pororoca, onde narro meu percurso até chegar à delimitação da atual pesquisa. Ao me atentar para o fato de que na descrição desse trajeto eu acabo por citar brevemente meu TCC, resolvo retornar ainda mais. Assim, revisito os escritos do tal trabalho, especificamente, as “considerações finais”.

Chegando ali, me deparo com uma Karina do passado que ainda estava desenvolvendo sua identidade na escrita, que estava se descobrindo pesquisadora-artista e que reivindicava essa identidade via memórias da infância. Ali registrei:

Confesso que escrever este ponto foi bastante confuso para mim, isso porque falar desses problemas, ou dessas oportunidades de melhora, me força a uma retrospectiva de minha própria trajetória acadêmica. Escrever a partir de memórias não é uma tarefa simples, já que a memória - além de afetiva - é também algo que está em mim e fazê-la transformar-se em texto, dando o tom necessário de uma conclusão, é desafiador. (BRISOLLA, 2020, p. 55.)

Me impressiono ao ler, principalmente pelo fato de que, apesar de não me manter no mesmo tema de estudo, sigo em uma mesma direção. Percebo que, o que antes foi dificuldade, hoje, nesse atual trabalho,

virou tática. Escrever a partir de memórias, fazer o constante exercício de revisita-las, virou identidade e metodologia escrita. Se ao final daquele trabalho, falo da dificuldade em transformar a memória em texto, aqui, me assumo bordadeira de memórias e teço pontos-cruz ao tramar minhas reflexões nessas linhas.

Acho engraçado que a memória enquanto área de estudos acadêmicos, foi algo que nunca me encheu os olhos durante a graduação. Sempre que esbarrava nesse tal conceito eram em aulas relacionadas a Patrimônio e, naquele contexto, com as referências que me eram ofertadas, não sentia interesse em aprofundar os estudos na área. Mas, mesmo que eu não me atentasse à memória enquanto conceito acadêmico, ela se fez presente desde o princípio em minha pesquisa-ação.

No caso desse trabalho, o registro da memória existe porque houveram vivências que produziram as memórias, assim como, houve espaço para que memórias impressas em outros corpos e objetos fossem acionadas, despertadas e revividas. Talvez por esse motivo, mesmo falando tanto dela, não houve interesse em delimita-la e estuda-la nos moldes acadêmicos tradicionais. Porque ela extrapola essa caixinha cartesiana, uma vez que, antes de ser conceito cunhado em espaços de poder da branquitude (como é o caso da universidade), a memória é tecnologia ancestral. Tecnologia que, depois de ser “civilizada”, apropriada, esvaziada e encaixotada como conceito, passou a ter valor para aqueles que a subjugam quando não detém seu domínio.

Sabendo que no dicionário, a palavra conceito é um substantivo masculino que significa:

1. compreensão que alguém tem de uma palavra; noção, concepção, ideia;
2. faculdade intelectual e cognoscitiva do ser humano; mente, espírito, pensamento.

Me faço valer da memória enquanto conceito sim, pois a formação que recebi no Terreiro, me instrumentalizou a partir da linha de pensamento das epistemologias macumbísticas. Portanto, o que sustenta a memória nesse lugar conceitual é a oralidade. Há quem torça o nariz, quem seja resistente à ideia, quem deslegitime tratando enquanto pseudociência e apontando uma suposta ausência de rigor científico nos métodos por mim utilizados.

Não sei como isso será encarado e não tenho o controle de nada além das minhas ações e palavras. Por isso, registro aqui com toda a humildade que me cabe: essa pesquisa não é “pra inglês ver”. Digo isso num sentido de que, nós, cientistas brasileiros, não precisamos nos curvar e submeter nossas pesquisas a métodos importados daqueles que nos colonizaram se eles não fizerem sentido para o trabalho empreendido.

Temos autonomia para escolher referências e métodos que sejam coesos com o estudo o qual realizamos. Não há necessidade em importar conhecimentos (muitos deles, usurpados de outros povos), para que nossas palavras sejam legítimas. Invalidar discursos porque eles não se sustentam no que alguns julgam “rigor científico”, é só uma das tantas maneiras de continuar exercendo poder e domínio sobre nossas subjetividades. Não existe conhecimento universal. Nossos ditos “saberes” também são ciência e tecnologia.

A partir desse ponto percebo que, educação iniciática dos Terreiros me permitiu, com sua interdisciplinaridade, vir a ser produtora artista e pesquisadora. O Terreiro, é o espaço que tutorou minhas práticas na produção cultural, portanto me formou enquanto profissional atuante da área. Assim como, foi a Escola de Belas Artes onde vivi intensas residências artísticas junto ao Grupo Cultural Abí Axé, e só através dessa vivência me reconheci enquanto artista. Através de suas ciências e tecnologias também veio a ser o local

que me instrumentalizou com seus métodos e conceitos particulares, permitindo que eu desenvolvesse meu lado pesquisadora e também educadora.

Desse modo, o surgimento dessa pesquisa vem a ser o resultado natural de todos esses cruzos que extrapolaram o espaço físico do Ilê Axé Mãe Nice D'Xangô. Sou produtora cultural-artista-educadora-pesquisadora porque a macumba me formou. Cada linha que aqui foi escrita, antes de tudo, foi intensamente vivida, porque a pedagogia dos Terreiros é alimentada por isso, vivências. As teorias, os conceitos, as reflexões aqui impressas são resultados de práticas coletivas.

Quando decidi me atentar à subjetividade das crianças do Ilê Axé Mãe Nice D'Xangô, estava seguindo uma intuição, um palpite que me veio como sussurro ao pé d'ouvido: “quem pode nos ensinar a melhor forma de levar o Terreiro para dentro das escolas, tendo uma metodologia de ensino que fuja dos padrões estigmatizantes, é justamente que vivencia essa cultura e esse território desde cedo: as crianças de Terreiro”.

Pois, havendo uma pandemia, gerenciada por um governo genocida que soube muito bem administrá-la a fim de manter as políticas de mortandade em curso, tive que gingar em busca de uma estratégia para que o campo da pesquisa pudesse se concretizar. Foi assim que, pensando junto com Iyá Nice, Despertando orixalidades: arte e memória ancestral surgiu. Um ciclo de oficinas que buscou estimular o despertar artístico através da própria orixalidade das crianças por meio da criação de um caderno de artista com as narrativas cotidianas do Terreiro em que elas crescerem.

Para lidar com um certo desinteresse que surgiu como obstáculo em meio a dinâmica, foi necessário rememorar como as histórias dos Orixás sobreviveram até os dias de hoje e a importância da oralidade na

cultura afro-brasileira. Mais uma vez a memória exercendo seu papel fundamental. O afeto ligado a memória através da figura do Babalorixá Nilo D’Xangô, foi o que permitiu concretizar às ideias propostas, além da ritualização de processos iniciais (quando entrei em silêncio, coloquei minha roupa branca, ascendi uma vela, bati a cabeça antes de começar a atividade). Esse primeiro momento só funcionou quando as crianças entenderam que aquilo não se tratava apenas de uma oficina de artes, uma abstração, uma brincadeira. Aquilo também era a manutenção de um legado e que elas são a continuidade dele.

Por se tratar de uma atividade direcionada para crianças que tem familiaridade com essas histórias, meu papel ali foi instigar que as meninas registrassem, através de desenhos e colagens, as narrativas as quais já tinham conhecimento. Fazendo-as compreender que as histórias passadas por toda a linhagem da família de santo podem ser contadas e revividas também através de narrativas visuais.

Em um contexto de retomada pós pandemia, um ano depois, pude propor uma nova ação. Agora, reunindo mais crianças. O sábado da Ibejada veio ofertando novas atividades, reunindo outras linguagens, mas com um mesmo propósito: instigar a vasão da subjetividade das crianças tendo como disparador a cultura de Terreiro. Reunimos crianças nascidas no Ilê e outras que estão começando a ser exposta a essa vivência através da família, cada uma com seu grau de intimidade particular.

Para o despertar dessa criação, narrativas, objetos e signos foram acionados, avivando aquelas memórias em prol da criação de novos corpos poéticos. Mãe Nice, abriu os trabalhos com a contextualização e a contação do Itàn. Depois, eu entrei com as pinturas e posteriormente, Àlágbé Leandro D’Xangô e Ogan Leandro D’Xangô, com a oficina de percussão. Se antes, fizemos um trabalho mais recolhido devido ao contexto pandêmico, agora, abusamos da possibilidade de se trabalhar coletivamente.

Em ambas as atividades, buscou-se estimular a subjetividade das crianças agenciando-as a serviço da descolonização do olhar, do sensível. Olhar para si, para o outro e para o espaço do Terreiro, ressignificando as formas de se relacionar com aquela cultura, foi um constante exercício de voltar-se para a espessura sensível do mundo e interferir no campo semântico a partir da produção de novos sentidos e narrativas.

Dois pontos me chamaram muita atenção em ambas as atividades. O primeiro, o fato do afeto a identidade ancestral ter sido o principal estímulo na aderência à proposta das pinturas. Seja personificada na figura do avô, saudoso Babá Nilo, ou nas representações de Orixás regentes dos adultos os quais as crianças tem íntima relação e de seus próprios regentes. Ou seja, aquelas corriqueiras criações que os pequenos costumam retratar a família carnal, foram substituídas pela representação de uma família ancestral. O segundo, a timidez de alguns e o desinteresse de outros, ao final das atividades, foram substituídas por uma demonstração de felicidade e orgulho ao que pertenciam. Nitidamente, a autoestima foi algo que foi transformada.

Se, por um lado, o corpo é uma abertura transcendente em direção a ser, ou seja, um devir que pode potencialmente vir a ser infinitas possibilidades; de outro lado, esse mesmo corpo é, também, fruto de um enraizamento situacional que viabiliza e condiciona concretamente os modos de ser e ver o mundo. Para quebrar essa dicotomia é que o olhar para as próprias vivências se faz necessário, e inspirada por Agnès Varda, refugamos imagens cotidianas, transformando as em poéticas visuais.

Foram momentos onde a criação artística propunha encarnar um movimento de reivindicação da ancestralidade. Este movimento evocou nas crianças, uma vez que elas foram reconhecidas e se auto reconheceram enquanto continuidade, uma responsabilidade de reencantar o mundo pela memória

combatendo a produção do esquecimento, ou seja, da morte em vida. A subjetividade da criança que pulsa a vida, é carregada de energia vital e por isso, sua arte é imantada de axé. É daí que nasce meu palpite de que são as crianças e as suas subjetividades que nos ensinarão a mandinga contra o carrego colonial, a marafunda.

O Terreiro (re)educa constantemente. Ali, até mesmo o silêncio conversa conosco e o tempo é ditado em outro ritmo. Se aprende a respeitar e a nutrir a terra em que se pisa e tudo que nela cresce; a água, que corre nos leitos e em nosso próprio corpo; o fogo que aquece, tão manipulado nas brasas de defumação e do fogão à lenha que nos aquece e prepara o alimento nos dias mais frios nesse sul do Sul; assim como o ar que respiramos, tão vital. O respeito a natureza, que é a energia de cada Orixá presente nesse àiyé, é primordial. Assim como o respeito pelos mais velhos, mais novos e os que vieram antes, nossos ancestrais. Ali se entende que nada se faz só e, menos ainda, ao acaso. Tudo tem um porquê. Tudo tem seu fundamento e as vezes a resposta reside no não dito. O Terreiro, é instituição que acolhe e ensina uma diversidade de saberes para além do culto sem reivindicar pra si a pretensa de ser uma única possibilidade, sem se intitular universal.

Ao propor o alargamento do entendimento do que é de fato o Terreiro, é minha intenção instigar um movimento de libertação subjetiva e criar oportunidades para a aparição de novas visões do eu, dos outros e do mundo. Visões estas, que desafiam o consenso imposto pelo colonialismo – e reforçado no mundo moderno pela colonialidade/carrego colonial – de que há um conhecimento universal, erudito e civilizado que se sobrepõe à todas as demais realidades e vivências.

A construção desse corpo-texto-leito me deslocou e transformou. Confesso que foi difícil inclusive chegar aqui, nesse momento em que teço as considerações ~~finais~~, pois sinto que mais do que pontos finais, questões foram abertas e nessas aberturas, naturalmente, enxergo falhas. Muitas coisas passaram batida, outras tiveram que ser deixadas de lado para que eu pudesse chegar ao fim desse texto. É desejo meu,

continuar persistindo na direção dessa intuição e desenvolver futuramente, no doutorado, a hipótese que veio se apresentando enquanto possibilidade durante a construção dessa pesquisa: são as crianças de Terreiro que vão nos ensinar formas abordagens dessa cultura nas escolas. Formas que sejam transformadoras, e não degradantes ou superficiais.

Acredito que essa construção, ainda embrionária, está traçando uma trilha que aponta um caminho ainda a ser desbravado, sobretudo quando falamos de arte-educação e relações étnico-raciais. Estimular o surgimento de uma subjetividade que autoriza o movimento de insurgência é cada vez mais urgente. Então que busquemos formas de retomar a potência criadora para a abertura a novos devires contra hegemônicos, inacabados, plurais e imprevisíveis, circulares, espiralados, em prol do combate ao racismo e da libertação subjetiva.

Desse modo, finalizo essas considerações dizendo que esses escritos são um registro de um trabalho coletivo, sejam as ações práticas ou as articulações teóricas. Cada pedaço contou com cabeças e mãos, saberes e fazeres, de indivíduos que contribuíram/contribuem para com a luta dos povos de Terreiro, a luta antirracista, a luta por uma educação emancipadora, a luta por uma universidade menos universalizante e mais diversa, a luta pela produção e disseminação de conhecimentos, a luta por uma sociedade mais justa e digna. Desejo que as experiências e reflexões aqui registradas, possam ser arma nessa guerrilha pela transformação social.

referências

ASPHE. (2012). Lei n. 1, de 1837, e o decreto n. 15, de 1839, sobre Instrução Primária no Rio de Janeiro - 1837. Revista História da Educação da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – RHE Asphe, 9(18), 199–205. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29135> , <acesso em: 04/01/2022>

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, (2016). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm <acesso em: 14/10/2022>

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990a. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91764/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-lei-8069-90#art-5> <acesso em: 14/10/2022>

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.". Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso 05/11/2021 <acesso em: 14/10/2022>

BRISOLLA, Karina Constantino. O desenho do corpo, o corpo que desenha: traçando um devir entre os quadrinhos brasileiros e a educação. 66p. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Produção e Política Cultural) - Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, Jaguarão, 2020.

BUNDER, Jeferson; BARROS, Gil. O estudo de caso e a pesquisa-ação: compreensão teórica e evidências empíricas. In: Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído, Uberlândia. Anais... Uberlândia: PPGAU/FAUeD/UFU, p. 1561-1565, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336900921_O_ESTUDO_DE_CASO_E_A_PESQUISA-ACAO_COMPREENSAO_TEORICA_E_EVIDENCIAS_EMPIRICAS <acesso 03/03/2023>

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre a negritude. Coleção vozes da Diáspora Negra, Volume 3, Org. Carlos Moore Belo Horizonte: Nandualá, 2010.

_____. Discurso sobre o colonialismo. São Paulo: Veneta, 136 p, 2020.

EVARISTO, Conceição. Ayoluwa, a alegria do nosso povo. Cadernos Negros 28. São Paulo: Quilombhoje: Ed. dos Autores, 2005.

_____. Becos da memória, Belo Horizonte: Mazza, 2006.

FERREIRA, Tássio. Pedagogia da circularidade: ensinagens de Terreiro (Coleção Pensamento Negro Contemporâneo). Rio de Janeiro: Telha, 2021.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

LAFONT, Anne. L'Art et la Race. L'Africain (tout) contre l'oeil des Lumières. Dijon: Les presses du réel. 2019.

MACHADO, Vanda. Pele da cor da noite. Salvador: EDUFBA, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/16783> <acesso em: 30/10/2022>

_____, Vanda. Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira. Salvador: EDUFBA, 2019.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar. In: Graciela Ravetti; Márcia Arbex. (Org.). Performance, exílio, fronteiras, errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002, v. 1.

MC'S, Racionais. Sobrevivendo no inferno. Companhia das Letras, 2018.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, 2(32), 122 - 151. Recuperado de <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169> <acesso em: 15/10/2022>

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.32, n.94, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17666/329402/2017> <acesso em: 01/10/2022>

PEREC, Georges. Aproximações do quê? *Alea: estudos neolatinos*. Trad. Rodrigo Silva Ielpo. Rio de Janeiro: 7 Letras, v. 12, n. 1, 2010.

PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

ROSA, Allan da. *Pedagoginga: autonomia e mocambagem*. Pólen Produção Editorial LTDA, 240 p, 5 de nov. de 2020.

RUFINO, Luiz. *Ah, meu filho, o Jongo tem suas mumunhas! : um estudo com os jongueiros e suas narrativas*. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

_____. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

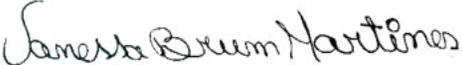
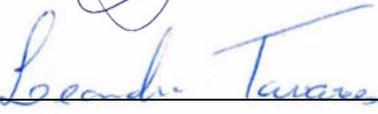
SAID, Edward Wadie. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861897/mod_resource/content/1/said%20edward%20w%20-%20orientalismo.pdf <acesso em: 30/10/2022>

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

_____Apêndice_____

AUTORIZAÇÃO USO DE IMAGEM

Eu autorizo o uso de minha imagem e/ou da criança pela qual sou responsável, registrada nos eventos: Despertando Orixalidades: arte e memória ancestral e Sábado da Ibejada, ambos realizados no Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô, situado na rua Claudino Echevengua, 320, Jaguarão/RS. Ciente de as imagens serão utilizadas na divulgação da pesquisa desenvolvida por Karina Constantino Brisolla junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (PPGAVI-UFPEL).

<i>Responsável</i>	<i>Criança</i>	<i>Assinatura</i>
Vanessa Brum Martines RG: 2080778398	José Sebastian Martines Termezano	
Eunice Magale dos Santos Almeida RG: 7025130993		
Leandro Mateus Almeida Tavares CPF: 025.865.360-45	Isabella Batalla Tavares Rafaela Batalla Tavares	
Leandro Crespo Machado RG: 2102151368		
Joseana Silva de Souza CPF: 987.778.400-97		
Sheila Costa da Costa RG: 1083367951	Otávio da Costa Asevedo	

Aline Gonçalves Madeira RG: 3095329219	Juan Lucas Barbosa González	Aline Gonçalves Madeira
Maren Pedroza Mundin CPF: 603.265.060-24	Lautaro García Pedroza	
Miguel Garcia Figueredo CPF: 010.200.470-62	Maia García Pedroza	
Edgar Pereira da Silva RG: 3088270685	Yasmim Santos da Silva	
Veridiana Garcia dos Santos CPF: 027.849.370-03		Veridiana G. Santos